

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**KRISLAINE DA CRUZ DE CAMPOS**

**IMPrensa E POLÍTICA: O DISCURSO ANTICOMUNISTA NO JORNAL  
TRIBUNA CRICIUMENSE (1955-1965)**

**CRICIÚMA  
2015**

**KRISLAINE DA CRUZ DE CAMPOS**

**IMPrensa E POLÍtica: O DISCURSO ANTICOMUNISTA NO JORNAL  
TRIBUNA CRICIUMENSE (1955-1965)**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado para obtenção do grau de  
graduado no curso de história da  
Universidade do Extremo Sul  
Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique  
Zanelatto

**CRICIÚMA  
2015**

**KRISLAINE DA CRUZ DE CAMPOS**

**IMPrensa E POLÍTICA: O DISCURSO ANTICOMUNISTA NO JORNAL  
TRIBUNA CRICIUMENSE (1955-1965)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
aprovado pela Banca Examinadora para  
obtenção do Grau de graduado, no Curso  
de história da Universidade do Extremo  
Sul Catarinense, UNESC, com Linha de  
Pesquisa em história política.

Criciúma, 09 de dezembro de 2015

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. João Henrique Zanelatto - Doutor - (UNESC) - Orientador

Prof. Tiago da Silva Coelho - Mestre - (UNESC)

Prof. Marcos Juvêncio Moraes - Mestre - (PUCRS)

**Ao meu esposo e a todos os meus familiares e amigos por me fazerem acreditar que chegaria até aqui.**

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho é, sem sombra de dúvidas, uma grande vitória na minha vida, que só consegui vencê-la, pois tive, durante estes quatro “longos” anos de vida acadêmica pessoas maravilhosas perto de mim.

Acima de tudo e de todos, eu agradeço primeiramente a Deus, que jamais permitiu que nada, nem ninguém abalasse minha fé e minha vontade de vencer.

Agradeço também, de todo o meu coração a ele, meu companheiro de todas as horas, que esteve presente em todos os momentos de angústia e também de alegrias, me apoiando, me elogiando e me lembrando o quanto eu sou capaz. Muito Obrigado meu amor, Leandro Campos.

Aos meus Pais, que me apresentaram o verdadeiro sentido da vida, me ensinaram a nunca desistir dos meus sonhos. Nunca me disseram que seria fácil, mas que com persistência e fé posso ir além dos meus objetivos.

A todos os meus amigos, que de alguma maneira contribuíram para a realização deste sonho; aos de longa caminhada, que compreenderam a minha ausência, e aos amigos que encontrei ao longo do curso e que sempre se dispuseram a ajudar, que nunca se negaram a me ouvir falar quando estava empolgada com o trabalho e por muitas vezes oferecerem um abraço amigo quando entrava em desespero.

Mas, devo aqui um agradecimento especial, a uma das preciosidades que a História me trouxe, uma amiga, parceira para todos os momentos: Jessica, não sei como te agradecer por tudo que fez por mim nesses últimos meses, hoje vejo que mesmo sendo completamente diferentes nos gostos e modos de agir, aprendi muito contigo, minha “ogra” linda. Vou sentir muita saudade das nossas conversas sobre história política, das nossas risadas, dos choros, dos conselhos, dos abraços, das “orientações do TCC” e da companhia pro sorvete. Te adoro, nega.

À UNESC, por me apresentar este novo mundo.

Ao curso de História, por tantas oportunidades, por me proporcionar a experiência com a pesquisa e com a sala de aula por meio dos projetos. A todo o corpo docente, que tanto contribuiu para a minha formação, todos foram muito importantes para mim.

Principalmente à professora Michele, que tenho profunda admiração; durante o curso sempre me orientou de maneira atenciosa e dedicada, que me mostrou novos olhares e ensinou-me a enfrentar as minhas dificuldades. Muito obrigada por cada palavra, cada conselho, cada incentivo e por cada abraço amigo, és um grande exemplo.

Agradeço também ao meu orientador, primeiramente por ter confiado na minha capacidade e me dado a oportunidade de ter os primeiros contatos com a pesquisa como bolsista do PIBIC. Em segundo, por ter me orientado com muita sabedoria para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigado por compartilhar o seu conhecimento, pela persistência, pela paciência e atenção. Por todas as referências sugeridas e pela ajuda para compreendê-las. Por me apresentar o mundo da história política, que de início me parecia “um bicho de sete cabeças”, mas que foi me conquistando e me entusiasmou a conhecer, compreender e pesquisar cada vez mais. Meu profundo agradecimento a você, João Henrique Zanelatto.

Enfim, agradeço a todos que estiveram do meu lado nesta fase de grandes aprendizagens, aos que estiveram no início, no meio ou apenas no fim, meu imenso agradecimento.

**“O jornal é uma tenda na qual se vendem ao público as palavras da cor que se deseja”.**

**BALZAC**

## RESUMO

Após o final da Segunda Guerra Mundial, teve início a chamada Guerra Fria, ou seja, as disputas entre dois blocos distintos – o capitalista e o socialista. As disputas e tensões geradas em âmbito mundial ocorreram também no Brasil, e reverberavam no espaço regional e local. Estas disputas eram amplamente divulgadas através da imprensa, que, na sua maioria, produzia um discurso anticomunista. Assim, esta pesquisa teve como principal objetivo perceber, através do Jornal *Tribuna Criciumense*, como ocorreu a construção do discurso anticomunista produzido pelo Jornal, em especial quando esteve no comando de grupos vinculados às classes dominantes da cidade.

**Palavras-chave:** Anticomunismo. Discurso-Imprensa. Renovada história política política. Tribuna Criciumense



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIC	Associação Comercial e Industrial de Criciúma
ANL	Aliança Nacional Libertadora
DNPM	Departamento Nacional de Produção Mineral
EUA	Estados Unidos da América
IAPETC	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Estivadores e Transportes de Cargas.
IAPETEC	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PEI	Política Externa Independente
PRP	Partido Republicano Progressista
PSD	Partido Social Democrático
PSP	Partido Social Progressista
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTN	Partido Trabalhista Nacional
UDN	União Democrática Nacional
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 DO LOCAL AO GERAL: AS DISPUTAS SOCIOPOLÍTICAS NO PÓS-DITADURA DE VARGAS</b> .....	15
<b>3 TRIBUNA CRICIUMENSE E O ANTICOMUNISMO</b> .....	29
3.1 O CONSERVADORISMO DA TRIBUNA CRICIUMENSE (1955-1961): O TÍMIDO DISCURSO ANTICOMUNISTA .....	33
3.2 CRÍTICA A POLÍTICA CONSERVADORA: A FASE ESQUERDISTA DO JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE (MARÇO/1961 – OUTUBRO/1961).....	38
3.3 TRIBUNA CRICIUMENSE E O DISCURSO ANTICOMUNISTA A TODO VAPOR (OUTUBRO/1961) .....	42
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

Com o fim do governo autoritário de Getúlio Vargas, em 1945, o Brasil experimentou um processo de redemocratização, que se estendeu até o golpe militar, em 1964. Este período foi marcado pela imprensa livre e participação política da sociedade civil. O país vivenciava um processo de urbanização, industrialização e reorganização partidária. Foi um período de crescimento expressivo na economia brasileira, com um aumento significativo de exportações, mas que expressou também um caminho para a dependência externa do país.

No contexto internacional, o período corresponde ao da Guerra Fria, que ocorrera logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Dessa vez, diferente do que muitos pensavam, que poderia acontecer uma Terceira Guerra Mundial, a disputa atribuiu-se às duas superpotências mundiais: Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Com o fim da Segunda Guerra, ambos os lados aceitaram um acordo, onde se estabelecia uma distribuição de forças. Segundo Eric Hobsbawm<sup>1</sup>, a Guerra Fria corresponde a disputas de ideologias, onde ambos os lados confiavam que tudo poderia ser resolvido sem violência física direta em longo prazo, sem a necessidade do uso de forças armadas, mantendo-se este acordo de paz fria, como ficou conhecida, até os anos de 1970.

Dessa maneira, a motivação para esta pesquisa era de pensar e interpretar de que forma o discurso anticomunista era assim propagado de diversas maneiras pelo Brasil e pelo mundo capitalista; algumas campanhas tentavam atingir indiretamente, enquanto outras se demonstravam “descaradamente” contra o modo de agir e pensar dos comunistas. Seja através da igreja, para os seus fiéis, ou por outros diferentes grupos da sociedade, destinados a “abrir” a mente de intelectuais, estudantes, agricultores, entre outros; Dessa maneira, diferentes meios de comunicação foram utilizados como ferramenta de manipulação e, entre as principais, destacam-se as rádios, a televisão e a imprensa escrita.

Em Criciúma, o jornal *Tribuna Criciumense*, criado em 1955, foi um dos canais utilizados pelos setores dominantes da cidade para propagar disputas políticas em âmbito regional, nacional e até mesmo internacional, difundir seus projetos, valores e ideologias como, por exemplo, o discurso anticomunista. Assim,

---

<sup>1</sup> HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 226.

as questões que nortearam a pesquisa foram as seguintes: Como o *Tribuna Criciumense* foi utilizada pelos partidos políticos constituídos no pós-45 para argumentar contra o discurso anticomunista?; Em que medida o jornal foi um instrumento relevante na articulação, divulgação e disseminação de projetos, ideias, valores e comportamentos desse discurso em Criciúma? Como atuaram junto ao público leitor, na formação de sua visão imediata de realidade e de mundo?

Dessa maneira, a partir desse trabalho, foram feitos questionamentos de como a imprensa, assim como outros tipos de fontes, foram sendo aceitos e utilizados nas novas pesquisas históricas.

Historiograficamente, até o século XIX é denominado como o período tradicional da história; nesse período historiadores e pesquisadores entendiam que a história deveria ser verídica e, com isso, reconheciam como fontes apenas documentos escritos de caráter oficial, preocupando-se apenas com uma história nacional e internacional, dificilmente em âmbito regional, pois buscavam uma história “total” dos fatos como foi caracterizada pela Renovada história política. Com isso, marginalizavam muitos aspectos relacionados às atividades humanas, o contexto não interessava aos estudiosos desse período, apenas os acontecimentos em específico.

Em meados do século XX, novos debates em relação à história e às novas perspectivas para a história foram surgindo, dando espaço para uma nova corrente historiográfica, onde não especificamente existe uma homogeneidade de ideias, mas que ficou conhecida como Renovada história política. Este novo olhar tinha como objetivo a necessidade de se pensar uma história não mais fundamentada em grandes nomes e figuras políticas, buscando entender, além dos acontecimentos da história tradicional, as estruturas sobre estas transformações, considerando personagens, valorizando as mudanças sociais e econômicas ao longo dos fatos. A Renovada história política nasceu na França, com a terceira geração da escola dos *Annales*, pensando em novos problemas, novas abordagens e novos objetos, no entanto estas relevâncias já vinham sendo pensadas em outros lugares.

Entende-se assim, que durante o período “tradicional”, a história era basicamente uma história política, onde, como já citado anteriormente, os historiadores acreditavam existir uma história verdadeira, sendo que eram

considerados como fontes apenas documentos escritos, que durante séculos baseou-se em uma história do Estado, do poder e de disputas.

Durante a primeira e segunda geração dos *Annales*, a história política foi duramente criticada, o político passa a ser entendido como decorrência do econômico e do social. A primeira geração, com Marc Bloc, em 1929, focava-se na história socioeconômica; a segunda, da década de 1940 em diante, Fernad Braudel também buscava uma história socioeconômica, porém, agora, uma história de longa duração. Somente em 1970 é que historiadores começam a refletir sobre uma nova história política, ou então, como muitos historiadores preferem chamar, a renovada história política, tendo esta uma interdisciplinaridade com outras ciências, como a sociologia, a psicologia e até mesmo a psicanálise, como coloca René Rémond, ao escrever “Uma história presente”:

[...] A renovação da história política foi grandemente estimulada pelo contato com outras ciências sociais e pelas trocas com outras disciplinas. [...] É impossível para a história política praticar o isolamento: ciência-encruzilhada, a pluridisciplinariedade é para ela como o ar de que ela precisa para respirar.<sup>2</sup>

Neste novo período da história, diferentes tipos de fontes passam a ser utilizadas pelos historiadores e pesquisadores, além de fotografias, cinema, história oral, entre outras formas de pensar a história. A imprensa, mais especificamente os jornais, também se tornaram uma possibilidade para interpretar a história pelo ponto de vista dos excluídos.

Os jornais são caracterizados por, na maioria das vezes, carregarem uma forte influência política e social sobre suas informações, sua falta de objetividade contribuiu para uma difícil aceitação dos historiadores em utilizá-lo como fonte principal de suas pesquisas. Contudo, sabemos que ele pode sim ser uma fonte rica em informações, desde que saibamos interpretá-lo, e assim, como qualquer outra fonte, mesmo com documentos escritos, existe a necessidade de conhecer esta fonte por inteiro.

No caso do jornal, são importantes questionamentos para reconhecer: quem estava por traz de suas entrelinhas? Quem eram os diretores e escritores do jornal? Quais as posições políticas e sociais dessas figuras? Enfim, entender o

---

<sup>2</sup> RÉMOND, Réne. *Uma história presente*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 29.

contexto que aparece na fonte, saber observá-lo e problematizá-lo pode ser o fator principal para compreensão e utilização da mesma.

Considerando que durante todo o século XIX, o jornal foi o principal meio de comunicação, além de grande influenciador de costumes, posicionamentos e atitudes da sociedade. Entende-se, assim, que os jornais podem ser considerados fonte de pesquisa, não apenas para fundamentações políticas, mas também para tantos outros fatores correspondentes aos integrantes das sociedades, como discussões trabalhistas, movimentações feministas, assim como períodos de grandes conflitos no Brasil, como o período de ditadura militar, onde a imprensa é silenciada em vários momentos.

Seguindo esta perspectiva de uma história política renovada, Jacques Julliard foi um dos primeiros historiadores a propor a reversão do quadro da história política tradicional. Inicialmente, apontou seus vícios e defeitos (era elitista, biográfica, narrativa, ignorava a sociedade global, as massas, a comparação, entre outros).<sup>3</sup> Depois de abordar os defeitos e vícios, o autor propôs a necessidade de renovação da história política, para que se recuperasse de seu atraso, e foi enfático ao considerar que “marxista ou não, o historiador não pode desinteressar-se do problema da natureza social do poder político”.<sup>4</sup>

Além desse, a pesquisa fundamentou-se no pensamento de Eric Hobsbawm para a compreensão do contexto internacional, correspondente ao recorte temporal abordado. Hobsbawm foi um dos principais historiadores do século XX, como marxista e defensor comunista, suas obras abrangem o contexto social, político e econômico correspondente as suas vivências e experiências. Ainda assim, outros referenciais, como Carla Simone Rodeghero, foram utilizados para melhor compreender o percurso do anticomunismo brasileiro.

Entendendo através desses a grande contribuição que pode ter o uso imprensa para a história, o ‘Jornal *Tribuna Criciumense*’ foi utilizado para o desenvolvimento deste trabalho como fonte e também como objeto de pesquisa. Além da consulta no acervo de jornais no Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez de Criciúma, foi também realizada uma revisão bibliográfica com obras teóricas referentes ao objeto de estudo.

---

<sup>3</sup>JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (dir.). História: *novas abordagens*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

<sup>4</sup>Ibidem, p. 280.

Com base em conceitos e autores citados anteriormente, com finalidade de atingir os objetivos propostos, o presente trabalho tem o capítulo inicial intitulado “Do local ao geral: As disputas sociopolíticas no pós-ditadura de Vargas”, que procura ambientar o cenário político internacional, nacional e também regional que se encontrava o período que antecede o golpe militar no Brasil. Levando em consideração o discurso anticomunista que ia sendo construído pelo multipartidarismo criado após o governo Vargas no Brasil e na região cricumense.

A seguir, o segundo capítulo “Tribuna Criciumense e o anticomunismo”, aponta para o resultado da pesquisa nos jornais, onde se concluiu que o noticiário passou por três fases durante este recorte temporal, de 1955 a 1965. Destacando a diferença quanto à administração do jornal em relevância com a presença de campanhas anticomunistas entre as três fases. Considera-se, assim, o nítido posicionamento dos organizadores e administradores do jornal nos discursos prós e contra o anticomunismo na região e no país.

## 2 DO LOCAL AO GERAL: AS DISPUTAS SOCIOPOLÍTICAS NO PÓS-DITADURA DE VARGAS

O período que antecede o fim da ditadura de Vargas corresponde ao *boom* da mineração na cidade de Criciúma, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, que com a impossibilidade de importação passam a valorizar o produto nacional, levando o governo brasileiro a ampliar os incentivos e subsídios à exploração do carvão, que partiu de uma política de industrialização brasileira.

A diferença básica constituiu em ter a industrialização deixando de ser um expediente ocasional para transformar-se em uma decidida política no sentido de modificar drasticamente a estrutura da economia brasileira. A razão fundamental desta mudança foi o fato de os responsáveis pelo país terem se tornado conscientes de que, no futuro, o Brasil não poderia alcançar elevado ritmo de crescimento se continuasse a se apoiar basicamente na exportação de seus principais produtos primários cujo mercado mundial estava em retração.<sup>5</sup>

Criciúma desenvolvia-se essencialmente por meio da agricultura até a década de 1940. Isso foi se alterando com a intensificação da exploração do carvão. Segundo Janete Trichês, entre os anos de 1940 e 1950, a população de Criciúma praticamente dobrou, pois a cidade atraiu trabalhadores de diferentes regiões, até mesmo de outros estados para trabalhar nas indústrias carboníferas. “A agricultura permanecia dominante (47,3%), as indústrias tinham crescido (37,8%), e o comércio havia duplicado (14,9%)”.<sup>6</sup> Nesse período, muitos pequenos proprietários de terras, pessoas que até então sobreviviam da agricultura, começam a enxergar no surto da mineração, uma oportunidade para uma vida melhor, muitos viam até mesmo um futuro enriquecimento. Alguns entusiasmados deixavam a vida no campo, no meio rural, para uma vida urbana, em meio a essas novas indústrias carboníferas, outros, com o auge da vinda das companhias, eram forçados a vender suas propriedades que se localizassem em cima de jazidas de minérios para os grandes mineradores e se submeterem a uma vida no subterrâneo das minas.

---

<sup>5</sup>BAER, Werner. *A industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1977. p. 29.

<sup>6</sup>TRICHÊS, Janete. *As oligarquias dos partidos: Criciúma/SC - 1945-1992*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994. p. 124



Em algumas décadas, o pequeno produtor rural da região carbonífera de Santa Catarina foi absorvido e silenciado devido a euforia do progresso industrial, aos discursos de modernidade e ao crescente imaginário do mundo urbano, ao mesmo tempo em que presenciou a construção da paisagem social do carvão. Da mesma forma que em outras regiões do país, a produção agrícola da região passou a desempenhar funções voltadas para atender as necessidades da indústria e dos centros urbanos.<sup>7</sup>

Com essa transformação de estrutura social, constituíram-se as primeiras famílias mineiras. Surge também nesse contexto, uma nova classe de empresários vinculados à exploração do carvão que vai se constituindo na região, e que mais tarde vai influenciar decisivamente nas disputas pelo poder político local.

Sendo que antes mesmo do processo de mineração, já existia um grupo de empresários e comerciantes que dominavam o cenário social, político e econômico da região.

Com o período de mineração não foi diferente, além daqueles que já se destacavam política e economicamente na sociedade, outros nomes juntaram-se a essa classe elitizada da população, “[...] algumas empresas e famílias dominaram o setor e, desde então, suas histórias se confundem com a história de Criciúma, das suas elites e do imaginário da cidade.”<sup>8</sup>

Este novo modelo de crescimento econômico da cidade de Criciúma, a mineração, sofrerá forte influência do Estado, o que contribuirá para o “aparecimento” desse novo setor dominante, que, segundo José Paulo Teixeira, alguns desses que se juntavam aos atuais “donos da cidade”, eram de outras cidades, grandes centros como Rio de Janeiro, como por exemplo, o empresário Henrique Lage, que não vivia em Criciúma. “A atividade mineradora fica, desta forma, totalmente atrelada às decisões governamentais que passam a monitorar e decidir sobre todo o processo de mineração [...]”<sup>9</sup>.

Com o tempo, empresários e políticos tornam-se praticamente o mesmo sujeito na cidade do carvão, confundia-se uma função à outra, lhes tornando ainda mais fortes no poderio em relação à classe operária, que foi crescendo e se organizando na medida em que aumentava a exploração do carvão. Se os operários se organizavam por um lado, por outro foram aparecendo os “sindicatos patronais”.

---

<sup>7</sup>CAROLA, Carlos Renato. *Assistência médica, saúde pública e o processo modernizador da região carbonífera de Santa Catarina (1930-1964)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. p. 125.

<sup>8</sup>Ibidem, p. 111.

<sup>9</sup> TEIXEIRA, José Paulo. *Os donos da cidade*. Florianópolis: Insular, 1996. p. 57.

José Paulo Teixeira afirma que durante anos os mineradores foram os “os reais” donos da cidade de Criciúma.

[...] As carboníferas CBCA - Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá e Próspera (ex-CSN e atual “nova Próspera”) são as que melhor expressam o modelo de dominação que predominou na cidade durante décadas. Mesmo se tratando de empresas com regimes jurídicos diferentes (uma pública e outra privada), ambas se desenvolveram sob o sistema patrimonialista de dominação, isto é, pela forte presença do Estado e suas ligações com os interesses privados políticos locais.<sup>10</sup>

Tendo em vista a formação de uma classe política na cidade, após este processo de industrialização pós-Vargas, é possível destacar alguns partidos que foram criados nesse período e utilizados como instrumento de “força e união” entre o patronato local. “A partir de 1945, e até 1965, cinco novos partidos políticos se organizaram no município e disputaram, sozinhos ou em coligação, as eleições para a prefeitura e para a câmara de vereadores”<sup>11</sup>.

Os partidos criados na região, eram partidos nacionais com diretórios municipais/regionais, entre esses, estão Partido Social Democrático - PSD, União Democrática Nacional - UDN e o Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, além do Partido Republicano Progressista - PRP e Partido Social Progressista – PSP, considerados pequenos partidos.

Segundo João Henrique Zanelatto<sup>12</sup>, os três únicos partidos existentes em Criciúma na década de 30 foram extintos com o estado novo em 1937, o Partido Republicano, Partido Liberal e o Integralismo. Os integrantes desses três partidos já extintos são responsáveis pela nova organização e formação partidária no pós 45.

O PSD - Partido Social Democrático foi criado em 1945 pelos membros do partido liberal que permaneceram no município. “Seus principais fundadores foram Frederico Minatto, Carlos Lacombe, Cincinato Napolini e Elias Angeloni”<sup>13</sup>, entre outros, que também contribuíram para esta criação. Durante a década de 40 a 60, o PSD liderou as eleições para governo de Criciúma, com Addo Caldas Faraco (1947-1950), Paulo Preis (1951-1954) e Napoleão de Oliveira (1954-1955), sendo que também elegeu o candidato Neri Jesuino da Rosa (1961-1963) em coligação com o

---

<sup>10</sup>Ibidem, p. 112

<sup>11</sup>TRICHÉS, op. cit., p. 137.

<sup>12</sup>ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma, SC: UNESC, 2012.

<sup>13</sup> TRICHÉS, op. cit., p. 138.

PTB, que acaba renunciando e dando o posto a Arlindo Junkes (1963-1965) do PSD.<sup>14</sup>

Trichês ainda destaca que “Elias Angeloni, José Contin Portella, Addo Caldas Faraco, Sinval Rosário Bohrer, Julio Gaidzinski, Mário Diomário da Rosa, Marcílio Dias de S. Thiago, Moacir Jardim de Menezes, Paulo Preis e Nelson Alexandrino” compunham a classe dominante dos pessedistas da época, mas que nenhum era tão renomado e tinha tanto poder quanto Elias Angeloni.<sup>15</sup>

A UDN - União Democrática Nacional foi criada por “Marcos Rovaris, Heriberto Hülse, Gabriel Arns, Silvino Rovaris e Francisco Meller” (TRICHES, 1994, p. 139) no ano de 1946, tendo alguns de seus fundadores do extinto partido Republicano. Além desses, também faziam parte os ex-republicanos: “José Pimentel, Aldo Hercílio da Luz, Itamar Fernandes, Abílio Paulo Filho, Diomício Freitas, Lindolfo Correia, Plínio Mazzuco, Adolfo Bach, Edgar Coelho de Sá, Bernardino João Campos, Alfredo Arns e outros”. Entre os maiores líderes udenistas destacados por Triches estão, Heriberto Hülse, Gabriel Arns, Oswaldo Hülse e Diomício Freitas, sobrenomes estes reconhecidos ainda nos dias atuais entre os componentes da política local. Heriberto Hülse foi governador, presidente regional e estadual do partido, sem dúvida “a maior autoridade da UDN”. A fala de José Paulo Teixeira se encontra com a fala de Janete Trichês, quando diz:

A UDN nasceu, cresceu e exerceu poder em Criciúma, ligada aos interesses dos mineradores: Sebastião Netto Campos, Diomício Freitas, Heriberto Hülse, Ruy Hülse e o atual vice-governador José Augusto Hulse - Todos ex-udenistas e atuais pefelistas, pedessistas ou peemedebistas, cujas trajetórias políticas, pessoal ou familiar, estão ligadas a UDN. É a sina...<sup>16</sup>

O PTB – Partido Trabalhista Brasileiro também foi idealizado por Heriberto Hülse, pois o udenista estava convencido de que precisavam criar um partido que atraísse o eleitorado operário da região. O partido também contou com a participação dos getulistas “José Milioli, Rodolfo Rufino de Souza, Hercílio Amante, Pedro Andrade, Romeu Lopes de Carvalho, Alzenir Guimarães Carvalho, Aryosvaldo Huascar Machado, Inácio Balduino, Artur Pescador, entre outros”.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> Ibidem p. 138.

<sup>15</sup>TRICHÊS, op. cit., p.156

<sup>16</sup>TEIXEIRA, op. cit., p.182.

<sup>17</sup>TRICHÊS, op. cit., p.141.

O PTB se organiza e se mantém a partir do IAPETEC, um dos institutos da Previdência Social da época, e do sindicato dos mineiros, que agregava os trabalhadores das minas de carvão. Em termos de estrutura, o IAPETEC era maior que a própria prefeitura. Com mais de dez ambulatórios médicos, ambulâncias e serviços de raio-X, garantia mais de cem empregos diretos. O sindicato lhe fornecia os melhores quadros, de militância e formação política.<sup>18</sup>

O PRP - Partido Republicano Progressista e o PSP - Partido Social Progressista eram pequenos partidos em relação aos outros três já citados. O PRP surgiu em 1947 e o PSP em 1954 e tiveram pouco espaço no quadro político da cidade.

Este período pós 45 é também de muita tensão para o Partido Comunista Brasileiro - PCB. Este surgiu já no ano de 1922 no Brasil e passou por períodos de lutas entre legalidade e ilegalidade eleitoral. Segundo Janete Trichês, “em Criciúma, sua primeira comissão provisória foi oficializada em 21 de fevereiro de 1936 [...]”<sup>19</sup>, mas constituiu-se como partido em Santa Catarina ainda no ano de 1939, obtendo o registro no Tribunal Regional Eleitoral em 1945. Vale assim destacar que entre os anos correspondentes ao recorte temporal deste trabalho, considera-se que o partido experimentou, mesmo que em curto tempo de legalidade, uma intensa mobilização política, onde se organizou e se mobilizou juntamente com o movimento operário e sindical brasileiro. Sendo que a maior parte desse período esteve na ilegalidade. O PCB retoma sua legalidade e seus direitos eleitorais em 1945, estando ilegal desde 1926.

Uma das características importantes da conjuntura é estabelecida pela relação estreita entre o Partido Comunista do Brasil, o PCB, e o movimento organizativo dos trabalhadores. É entre os anos de 1945-1964 que essa relação encontra seu nível elevado de desenvolvimento.<sup>20</sup>

As primeiras movimentações para a criação do Partido Comunista Brasileiro em Santa Catarina é datada do período de construção da ponte Hercílio Luz, em Florianópolis. A obra recebeu operários de diferentes lugares do estado e também de outros estados e regiões. Segundo Jaci Guilherme Vieira, foram esses

---

<sup>18</sup>Ibidem, p. 141.

<sup>19</sup>Ibidem, p. 213.

<sup>20</sup>SANTANA, Marco Aurélio. *Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro: Bomtempo, 2001. p. 39.

operários que fizeram os primeiros contatos com a URSS, onde arrecadaram fundos e enviaram a colaboração através da Marinha Mercante do Brasil.<sup>21</sup>

O PCB na região catarinense substituiu a ANL - Aliança Nacional Libertadora, a qual reunia alguns defensores do comunismo em âmbito nacional e que foi extinta em 1935. A ANL foi uma grande força democrática que surgiu em 1934, organizada pelos tenentes de esquerda que se encontravam descontentes com os rumos que a revolução de 1930 estava tomando. Esta organização lutava por um governo popular, ganhou o apoio do PCB e foi lançada oficialmente em março de 1935 tendo como presidente de honra o simpatizante e líder comunista Luís Carlos Prestes. O governo começa a sentir-se ameaçado pela grande massa popular. “Começam as prisões contra comunistas, aliancistas, líderes sindicais e militantes democratas, e panfletos contra a ANL falavam de “planos assassinos” dos comunistas, que teriam conseguido ganhar lampião para sua causa”.<sup>22</sup>

O movimento continuou lutando, ainda que na ilegalidade, mas não resistiu por muito tempo, muitos integrantes foram presos e o grupo acabou se dispersando. Somente três anos depois é que o grupo volta a se organizar, onde é datada a fundação do partido no estado Catarinense. “As primeiras atividades dos Comunistas Catarinenses fizeram parte de uma orientação nacional do partido através da campanha pela anistia aos presos políticos [...]”<sup>23</sup>.

Durante o curto tempo de legalidade, o partido procurou firmar cada vez mais seus laços de confiança e companheirismo com a classe operária e sindicalista. Nesse período lutaram a favor da paz, orientando os trabalhadores a não organização de greves e paralisações, além de apoiarem o governo Vargas. Isto só foi possível pois os comunistas baseados na política internacional comunista sabiam que dificilmente o Brasil seria alvo de uma revolução, onde haviam dividido o mundo em três tipos de países diferenciados pela situação econômica:

- 1) Os países de capitalismo altamente desenvolvido, que deviam lutar pelo socialismo e a ditadura do proletariado; 2) os países de nível médio de desenvolvimento, que deviam primeiro buscar conquistas democrático-burguesas, para depois avançar rumo ao socialismo; e 3) as colônias, semicolônias e países dependentes, em cujo grupo o Brasil estava incluído,

---

<sup>21</sup>VIEIRA, Jaci Guilherme. *História do PCB em Santa Catarina - da sua gênese até a operação barriga verde - 1922 a 1975*. Florianópolis, 1994. p. 5.

<sup>22</sup>VIANA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge (org). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. p.86.

<sup>23</sup> VIEIRA, op. cit., p. 10

onde haveria um intervalo entre a revolução democrático-burguesa e socialista, uma vez que esses países deveriam livrar-se primeiro do jugo colonial direto ou da dominação pela dependência econômica para então seguir rumo ao socialismo.<sup>24</sup>

Tudo isso para não causar desentendimentos que pudessem os levar à ilegalidade novamente. “Prestes dizia que era preferível apertar a barriga, passar fome, do que fazer greves e agitações, porque agitações e desordens só interessariam ao fascismo”.<sup>25</sup>

Nesse período de legalidade, o partido se organizou e participou das eleições de 1945 e de 1947. Lançou como candidato à presidência da República Yedo Fiúza nas eleições de 1945, mas quem leva a vitória é Eurico Gapar Dutra, porém, o PCB conseguiu eleger Luiz Carlos Prestes como Senador, além de deputados federais e estaduais. Em 1947 o partido repete o resultado, elegendo mais dois deputados federais, 46 estaduais e um grande número de vereadores em diferentes cidades.<sup>26</sup>

Mesmo assim, esta legalidade permaneceu por pouco tempo, pois continuava sendo uma ameaça para os que se definiam como “direita” e para os setores altos da sociedade.

Ainda que reforçasse, a todo o instante, seu compromisso com a manutenção da ordem e a garantia dos princípios democráticos, aos olhos das elites o partido continuava sendo o representante do espectro do comunismo, voltado à desordem, a indisciplina, pronto assim que tivesse chance a desestabilizar e virar a mesa do jogo. Não é por acaso que, em 3/3/1946, o advogado Himalaia Virgulino e o deputado Barreto Pinto (PTB-RJ) solicitam a instauração de um processo visando a cassação do registro do partido.<sup>27</sup>

Logo, em 1947, o tribunal superior eleitoral, entendendo que o partido era um instrumento de manutenção soviética no país, retira o direito do partido que começa mais um longo período de clandestinidade. Durante todos os anos de sua existência, o partido não chegou a três anos e meio de legalidade. Mas, mesmo na ilegalidade, o partido permaneceu organizado.

---

<sup>24</sup>VIANA, op. cit., p. 72

<sup>25</sup> Ibidem, p. 24

<sup>26</sup> Ibidem, p. 18-19

<sup>27</sup> SANTANA, op. cit., p. 51

Paulo Fagundes Vizentini<sup>28</sup> faz uma interpretação do Brasil nesse período, de 1945 a 1964, de uma maneira onde visa destacar as tensões existentes no país em relação à política externa, como contribuintes ao discurso anticomunista que acarreta no golpe militar, em 1964.

Durante o século XX, o eixo principal da política externa do Brasil era a relação com o EUA, nesse período houve tentativas de alguns governos para ter maior autonomia na política externa do país. O autor escreve sobre o desenvolvimento da política externa independente entre os anos de 1945-1964, que para ele caracteriza-se pela disputa de dois projetos: os *nacionalistas* e os “*entreguistas*”. Os *nacionalistas* buscavam um desenvolvimento com certa margem de autonomia, já os “*entreguistas*” defendiam o liberalismo econômico e o alinhamento com os EUA.

No governo Dutra, o apoio aos EUA excedia-se. Dutra julgava-se como privilegiado pelos EUA, lançando assim uma campanha anticomunista onde rompe relações com a URSS. “Seu caráter um tanto exagerado vinculava-se a necessidade de evidenciar perante os EUA o engajamento do país na luta contra a subversão esquerdista”.<sup>29</sup>

Enquanto a direita brasileira (UDN, militares, igreja, empresários e latifundiários) mobilizava-se contra o governo, os EUA se preocupavam com a falta de controle do governo sobre a sociedade e a política de encampações de empresas estrangeiras. Além disso, o aprofundamento da Revolução Cubana gerava em Washington uma apreensão generalizada em relação a toda a América Latina.<sup>30</sup>

O contexto internacional neste recorte temporal corresponde ao da Guerra Fria, que ocorrera logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Dessa vez, diferente do que muitos pensavam, que poderia acontecer uma Terceira Guerra, a disputa foi entre as duas superpotências mundiais: EUA e URSS. Com o fim da Segunda Guerra, ambos os lados aceitaram um acordo onde se estabelecia uma distribuição de forças.

A URSS controlava a parte global correspondente ao Exército Vermelho, os comunistas, e estaria impossibilitada de ampliá-la com o uso de força militar. Os

---

<sup>28</sup>VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Do nacional-desenvolvimento à Política Externa Independente (1945-1964)*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 2003.

<sup>29</sup>Ibidem, p. 200

<sup>30</sup>Ibidem, p. 209

EUA, responsáveis pelo restante do mundo capitalista, além do que ainda restava das antigas potências coloniais, não interferiria no território soviético. Segundo Eric Hobsbawm<sup>31</sup>, a Guerra Fria corresponde a uma disputa de ideologias, onde ambos os lados confiavam que tudo poderia ser resolvido de forma pacífica em longo prazo, sem a necessidade do uso de forças armadas, mantendo-se esse acordo de “paz fria”, como ficou conhecida, até os anos de 1970.

No entanto, em 1962, um episódio marcou o conflito entre as duas super potências. Fidel Castro se aproxima dos líderes socialistas soviéticos, permitindo que a URSS instalasse mísseis na região cubana. Soando como ameaça aos estadunidenses e contrabalanceando os mísseis instalados pelos EUA do outro lado da fronteira soviética, na Turquia. Tal ação causou uma forte tensão nos EUA, onde a ameaça de uma Terceira Guerra Mundial, levou a retirada dos mísseis, resultando no fim da chamada “Crise dos Mísseis”.

A crise dos mísseis cubanos de 1962, um exercício de força desse tipo inteiramente supérfluo, por alguns dias deixou o mundo à beira de uma guerra desnecessária, e na verdade o susto trouxe à razão por algum tempo até mesmo os mais altos formuladores de decisões.<sup>32</sup>

A União Soviética buscava implantar o comunismo em outros países para que pudessem expandir a igualdade social, com a existência de um único partido (Partido Comunista), no sentido de que o comunismo se baseia em comum acordo da sociedade, sem disputas por votos distintos. Enquanto os Estados Unidos, a outra superpotência mundial, defendiam o crescimento do sistema capitalista, baseado na economia de mercado, sistema democrático e propriedade privada.

Diferente da URSS, os EUA mantinham uma democracia liberal e, com isso, tornavam-se mais perigosos no sentido de querer acabar com o comunismo, pois dependiam de eleições e disputas de votos no congresso, o que os diferencia dos soviéticos, sendo que estes, apesar de defenderem o sistema comunista de organização social, acreditavam que o capitalismo seria substituído pelo comunismo.

Como a URSS, os EUA eram uma potência representando uma ideologia, que a maioria dos americanos sinceramente acreditava ser o modelo para o mundo. Ao contrário da URSS, os EUA eram uma democracia. É triste, mas deve-se dizer que estes eram provavelmente mais perigosos.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> HOBBSAWM, op. cit., p. 226

<sup>32</sup> Ibidem, p. 227

<sup>33</sup> Ibidem, p. 232



Com isso, a Guerra Fria manteve-se sob disputas de poderes militares, sociais e econômicos, baseados em planos estratégicos para atingir um ao outro, pois mesmo tendo total acesso a bombas nucleares, sabiam que isto não levaria a nada, a não ser a destruição de uma grande parcela mundial caso optassem por conflitos armados.

Os EUA criaram diferentes planos de investimentos, como ajuda aos países mais necessitados economicamente em consequência da Segunda Guerra Mundial, para que pudessem se recuperar; entre esses se destacam o plano *Marshall*, que era um oferecimento de empréstimos com juros baixos, buscando mostrar a essas sociedades que elas poderiam se recuperar apenas através do capitalismo. Em contrapartida, a União Soviética criou, em 1949, o Comecon, que era uma espécie de contestação ao Plano *Marshall*, que impedia seus aliados socialistas de se interessarem ao favorecimento proposto pelo então inimigo político.

Após entenderem que estavam se tornando uma potência mundial, o governo americano sente-se ameaçado e a luta anticomunista passa a ser a melhor saída. Num país formado pelo individualismo e empresa privada, não seria difícil construir um discurso contra as ideologias comunistas.

Neste período, o Brasil, assim como outros países do mundo, vivia sob fortes influências estrangeiras, na área política, econômica e social. Isto contribuiu para o fortalecimento do discurso anticomunista gerado em torno da defesa pelo capitalismo no EUA.

Além da diplomacia norte-americana, a igreja católica também era uma forte aliada nas propagandas pela desmoralização do comunismo no país. Segundo Carla Simone Rodeghero,

Falar então era a forma de agir. E esse falar se alimentava num rico manancial de imagens que delimitavam o que era o comunismo, quem eram os comunistas, quais os seus planos para o Brasil e o mundo, que perigo eles representavam, quais as suas diferenças em relação àqueles que os combatiam, como era a vida nos países comunistas etc.<sup>34</sup>

O discurso anticomunista era assim propagado de diversas maneiras pelo país e pelo mundo capitalista, algumas campanhas tentando atingir indiretamente, enquanto outras se demonstravam “descaradamente” contra o modo de agir e

---

<sup>34</sup> RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e Avaliações: Norte-Americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. Porto Alegre, 2002.p.57.

pensar dos comunistas. Seja através da igreja para os seus fiéis ou por outros diferentes grupos da sociedade, destinados a conscientizar os intelectuais, estudantes, agricultores, entre outros. Dessa maneira, diferentes meios de comunicação foram utilizados como ferramenta de manipulação, entre as principais, destacam-se as rádios e a imprensa jornalística.

Os anos que antecedem o golpe militar de 1964 envolvem uma forte relação entre os nacionalistas, a igreja católica e os estadunidenses. Para os nacionalistas, o comunismo representava uma ameaça na luta de classes, acreditavam ser a perda da identidade nacional.

Importante frisar que os nacionalistas compunham a classe dominante brasileira, formada por políticos, intelectuais e militares, onde os mesmos agiam através das propagandas anticomunistas para atrair a população da classe média, aqueles que não são nem elite, nem operários, mas que se sentem mais ricos do que pobres, e pequenos proprietários de terras, agricultores ou pequenos empresários, os quais poderiam sentir-se ameaçados pelo sistema comunista, pois tinham medo de perder seus privilégios na sociedade.

Não muito diferente, a igreja católica também se sentia ameaçada, justificando que o comunismo seria uma ameaça aos bons costumes, comparavam a figura dos comunistas à do diabo, da destruição patriarcal e dos laços familiares. Porém, o que realmente parecia lhe amedrontar era este novo conjunto de regras morais e sociais, de ideias que se diferenciavam das postas pela igreja a seus fiéis, considerando que a igreja ainda era uma instituição fortemente ligada a questões econômicas e morais da sociedade. Estes embates entre comunistas e anticomunistas, em relação à paz mundial, eram realizados em diversas esferas: mundial, nacional, regional e local/municipal.

Entre os anos de 1945 e 1965 o Brasil presenciava fortes disputas políticas, principalmente relacionadas à presidência da República. Sendo que a disputa gerava em torno dos partidos PSD, PTB e UDN. Nesse período, PSD e PTB mantiveram-se em coligação, liderando o quadro de candidatos eleitos à presidência. Os dois partidos foram criados por Getúlio Vargas próximo ao fim do Estado Novo, para compor o novo cenário democrático que se aproximava. Venceram em 1945 com Eurico Gaspar Dutra. Em 1950, Getúlio Vargas retorna ao cargo e em 1956 elegem Juscelino Kubitschek. A UDN vence somente em 1960, apoiando o candidato Jânio Quadros, que era filiado a um pequeno partido (PTN -

Partido Trabalhista Nacional), este renuncia meses depois e quem assume é o seu vice, João Goulart, do PTB.

Como a lei eleitoral não exigia a formação de chapa completa para presidência e vice-presidência, nesse pleito ocorreu uma grande contradição que, poucos meses depois, teria fortes repercussões na vida nacional. Jânio Quadros, adotado como candidato pelos udenistas, venceu a eleição presidencial, mas o vice-presidente escolhido pela população não representava o mesmo espectro das forças políticas que elegeram o presidente. O vice-presidente eleito era João Goulart, um dos principais líderes do maior adversário político da UDN: o PTB.<sup>35</sup>

Vale destacar que nessa fase presidentes e vice-presidentes eram eleitos separadamente no país. Durante a era Vargas, o cargo de vice foi extinto com as constituições de 1934 e 1937, que davam mais poderes aos presidentes. Somente com a constituição de 1946 é que volta a ser eleito vice-presidente, porém, até 1964, as eleições eram feitas separadamente, para presidente e para vice.

Os estadunidenses passam a ver o Brasil com uma fragilidade na administração do governo, pois o governo de Jânio Quadros e João Goulart reata com a URSS e lançam a política externa independente (PEI). “Desde o início de seu governo, Quadros manteve um discurso crítico em relação aos EUA”.<sup>36</sup> Passa assim a abrir relações internacionais com Cuba, China, países que aderiram ao socialismo, mantendo inclusive contato com Fidel Castro e quebrando com a relação externa direcionada apenas aos EUA. Entendiam que a “questão cubana era um problema interno e não um episódio da guerra fria”<sup>37</sup>, com isso, os EUA passam a enxergar no Brasil a possibilidade de uma nova Cuba.

Já em Criciúma, as disputas pelo poder também giravam em torno do PSD, da UDN e do PTB. Porém, neste recorte temporal entre 1945 e 1965, o PSD predomina nas candidaturas da região.

O PSD foi a maior política, não apenas no executivo, mas também no legislativo municipal. Com média de 13 candidatos a vereador por eleição, lançou 63 representantes e ocupou 25 (46,30%) das 54 vagas disponíveis na câmara de vereadores.<sup>38</sup>

<sup>35</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Partidos Políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. p.145

<sup>36</sup> Ibidem, p. 208

<sup>37</sup> Ibidem, p. 210

<sup>38</sup> TRICHÊS, Janete; ZANELATTO, João Henrique. *História Política de Criciúma no século XX*. Criciúma, SC: UNESC, 2015.

Após o Estado Novo de Vargas, a primeira eleição municipal no Brasil acontece em 1947. PSD é o primeiro partido a lançar candidato à prefeitura de Criciúma, Addo Caldas Faraco; após, o PTB também disputou a eleição de 1947 com o candidato Nicolau Oswaldo Petry, tendo o apoio da UDN. Nesse ano, a UDN não lançou candidato próprio. Addo foi eleito com 66,1% dos votos.

Em 1950, os três partidos lançam candidatura. PSD com Paulo Preis, UDN com Gabriel Arns e PTB com José Geraldino Cardoso. E o PSD vence a eleição novamente, levando Preis à prefeitura de Criciúma. Em março de 1955, o prefeito renuncia e a Câmara Municipal elege Napoleão de Oliveira, que permanece até 1956. Na eleição de Outubro de 1955, o PSD vence mais uma vez, com o candidato Addo Caldas Faraco para prefeito do município, com 56% dos votos.

Para a eleição de 1960, PSD e PTB firmam aliança para lançar um único candidato. Em reunião para a escolha do nome de quem representaria os partidos na próxima eleição, o PSD tinha como proposta o ex-prefeito e ex-vereador Sinval Rosário Bohrer. Todos os nomes sugeridos pelo PTB foram vetados pelo PSD. “Nesta reunião foi sugerido o nome de Neri Jesuíno da Rosa, membro do diretório local do PTB de Florianópolis [...]”<sup>39</sup>, no entanto, Neri ao ser chamado à reunião, fala de um amigo candidato pela UDN e também de suas divergências com um dos principais líderes pessedistas local, o padre Estanislau Cizeski. O Padre foi vigário da paróquia São José de 1954 a 1966<sup>40</sup>, esteve inserido nas discussões políticas da cidade e, como líder da igreja católica, pregava contra os “comunistas”.

Nessa época, o PCB ainda não tinha diretório local em Criciúma. No entanto, os comunistas da região agiam dentro do PTB, por estar mais próximo da classe trabalhadora. “Em Criciúma, o partido se organizava e se mantinha com base no sindicato dos mineiros e no IAPETEC, um dos institutos da previdência social da época”<sup>41</sup>. Dessa maneira, para candidatar-se a prefeito em coligação com o PSD, Neri precisou do consentimento do Padre Cizeski.

Tendo a aprovação, PSD e PTB lançam, em coligação, Neri Jesuíno da Rosa a prefeito. Com 58,9% dos votos o candidato é eleito e o PTB chega ao governo de Criciúma. Após assumir a prefeitura, uma série de acontecimentos e

---

<sup>39</sup>Ibidem, p. 69

<sup>40</sup>ZACHARIAS, op. cit., p. 475.

<sup>41</sup> TRICHÊS, ZANELATTO, op. cit., p.58

pressões, por parte do PSD, começam a intimidar o prefeito petebista. Em outubro de 1964, Neri pede a renúncia.

Ao Contrário do que muitos ex-petebistas alegam, a entrega da chefia do executivo ao PSD não envolveu “*vultuosa soma em dinheiro*” e tampouco se deu em troca de um emprego público na capital, que acabaria sendo uma ocorrência posterior, mas sem qualquer ligação. Infere-se que vários episódios se somaram e contribuíram para o ato de renúncia em 04 de outubro de 1963 do único prefeito eleito pelo PTB em Criciúma.<sup>42</sup>

Após a renúncia do então prefeito, Alindo Junkes assume a prefeitura e Criciúma volta a ser governada pelo PSD. Este permanece até a próxima eleição, em 1964, onde o PSD perde para a UDN, que chega pela primeira vez ao governo municipal ao eleger Ruy Hülse. No entanto, “o último pleito municipal do período multipartidário ocorreu com os militares no poder [...]”<sup>43</sup>, pois o golpe militar aconteceu em março de 1964, e as eleições em outubro do mesmo ano.

---

<sup>42</sup>Ibidem, p. 73.

<sup>43</sup>Ibidem, p. 75.

### 3 TRIBUNA CRICIUMENSE E O ANTICOMUNISMO

No desenrolar da renovada história política, a história da imprensa começa a aparecer em temas de pesquisas, entre estes está a figura do escritor Nelson Werneck Sodré<sup>44</sup>, um dos poucos a trabalhar sobre a história da imprensa no Brasil até os anos de 1960. Com isso, novas abordagens foram surgindo, até que, em meados de 1970, o jornal torna-se objeto de pesquisa, que até então era utilizado apenas como fonte de confirmação para informações obtidas de outras fontes. Vany Pacheco Borges, Maria Ligia Prado e Maria Helena Capelato, figuram entre as primeiras autoras a utilizarem o jornal como fonte única, ainda na década de 1970. Portanto, já faz um tempo que as peculiaridades dos jornais, a simbologia das palavras, a investigação dos leitores como público-alvo, receptores e transmissores das suas informações, têm contribuído para novas interpretações da história.

Devido ostentarem a tarefa de representar a sociedade na qual estão inseridos, os periódicos se tornaram fontes fundamentais para os estudos de temáticas diversas, que tiveram grande visibilidade histórica graças à permanência de suas memórias nas páginas dos jornais.<sup>45</sup>

É fundamentado na renovada história política que este trabalho utiliza do noticiário *Tribuna Criciumense* como objeto e também como principal fonte desta pesquisa.

Considerando que o jornal *Tribuna Criciumense* era o único noticiário impresso que circulava pela região durante o período de 1955 a 1965. Este, assim como a rádio Eldorado, também de grande audiência na época, na maioria das vezes era administrado por membros da classe dominante, desta forma, tiveram grande influência na construção de ideias e do imaginário da população cricumense, principalmente relacionado às atribuições ao ideário comunista.

Segundo Baczko, o imaginário social é, desse modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os ínvios que pertencem a mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais etc. O

<sup>44</sup> Nelson Werneck Sodré foi um militar, comunista e historiador de orientação marxista. Uma das suas principais obras é *A história da imprensa no Brasil*.

<sup>45</sup> BEZERRILL, Simone da Silva. *Imprensa e política: Jornais como fontes e objetos de pesquisa para estudos sobre abolição da escravidão*. Maranhão: UEMA, 2011. p. 02.

imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objeto dos conflitos sociais.<sup>46</sup>

Fundado no município em dois de maio de 1955, *Tribuna Criciumense* passou por três fases distintas em sua administração até o ano de 1965, onde é possível observar um forte posicionamento perante as campanhas anticomunistas expressas nas páginas do jornal durante a primeira e terceira fase.

Durante a primeira administração, o discurso começa a aparecer ainda em passos lentos. O contexto de Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética começa a gerar ideias e posicionamentos anticomunistas e em apoio aos EUA. Com a segunda e menor fase, encontra-se um posicionamento diferente da fase anterior, notícias sobre Cuba e outros países que aderiram ao Comunismo durante o processo de Guerra Fria são vistos e interpretados de maneira positivada. Porém, durante a terceira fase, o discurso a favor do capitalismo, em campanha acirrada contra o comunismo, se fortalece cada vez mais e marcaram as páginas do jornal *Tribuna Criciumense*, o medo do suposto ataque comunista é uma das atribuições para que João Goulart fosse deposto do cargo de presidente da República e o Brasil sofresse o golpe militar em 1964.

José Pimentel foi quem criou o noticiário em Criciúma. Filho de Aurílio Pinto Pimentel e Maria Andrade Pimentel, nasceu no dia três de março de 1915, natural município de Aracruz, Espírito Santo. Formou-se no ano de 1943, em Direito, pela faculdade de Niterói, posteriormente exercendo função no Foro do Rio de Janeiro. Pimentel mudou-se para Criciúma no ano de 1945, onde instalou seu escritório de advocacia e exerceu sua profissão como advogado, além de envolver-se com o “poderio” político local. Em 1949, casou com Darcy Angeloni, com quem teve as filhas Marilena, Ilka e Marília.

Vereador pela UDN - União Democrática Nacional, em 1951, foi um dos principais idealizadores e fundadores do partido na cidade e também o primeiro presidente da ACIC - Associação Comercial e Industrial de Criciúma, fundada em 1951, em substituição à antiga “Associação Comercial de Criciúma”<sup>47</sup>, sendo esse

---

<sup>46</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Portugal: Imprensa Nacional, v.5, 1995. p. 309-310

<sup>47</sup> ZACHARIAS, Manif. *Criciúma: vultos do passado e personalidades contemporâneas*. Criciúma, SC, 2000, p. 544.

um forte braço dos setores dominantes da cidade, o que fica visível nas relações e interesses sociopolíticos existentes na associação<sup>48</sup>. Teixeira afirma:

Na verdade, a eleição de Pimentel na associação significou, em parte, a influência da UDN sobre a entidade, na medida em que Pimentel, além de se identificar com os interesses industriais (leia-se, dos grupos mineradores e cerâmicos liderados na época pelos Freitas)<sup>49</sup>

Na segunda fase o jornal esteve nas mãos de homens considerados comunistas. Manif Zacharias, Henrique Dauro Martignago e Jacób Victor Cruz. Zacharias nasceu no dia 5 de agosto de 1918, na cidade de Curitiba-PR. Era filho de Assad Zacharias e Zalfa Neme Zacharias. Formou-se em medicina pela Universidade Federal do Paraná, em 12 de dezembro de 1940.

Veio para o município de Criciúma em 1944 para trabalhar em uma das empresas carboníferas do Grupo Jafet, para atender aos operários. Além disso, atendeu como clínico geral, cirurgião, ginecologista, obstetra e pediatra, ficando conhecido como “médico da família”. Foi também um dos fundadores do Hospital Santa Catarina.<sup>50</sup>

Casou-se com Dulce Rovaris, neta de Marcos Rovaris, participante político da “direita” criciumense e de uma família extremamente praticante da igreja católica. Zacharias destaca, em uma de suas obras, que para a oficialização do matrimônio, os procedimentos não foram tão simples. Conhecido na cidade como simpatizante comunista e nem um pouco frequentador das celebrações religiosas cristãs, teve que se submeter a um interrogatório ao na época, pároco da cidade, Padre Pedro Baldoncini, onde, ao negar-se ao ato de se confessar, para receber o sacramento do matrimônio, precisou assinar um documento onde prometia manter sua família e criar seus filhos na lei da igreja católica. “Assumi o compromisso por escrito e meu casamento realizou-se em 8 de dezembro de 1945, na Igreja Matriz de nossa cidade”.<sup>51</sup> Dessa relação tiveram três filhos: Miriam, Dóris e Miguel.

Henrique Dauro Martignago também se dedicava à área da saúde do município. Filho de Leandro Martignago e Rachele (Natália) Ferraro Martignago, nasceu no dia 28 de agosto de 1938, em Criciúma-SC. Formado em Odontologia, pela Faculdade de Farmácia e Odontologia no Rio de Janeiro. Atuou na profissão de

<sup>48</sup> ZACHARIAS, op. cit.

<sup>49</sup> TEIXEIRA, op. cit., p. 126

<sup>50</sup> ZACHARIAS, op. cit.

<sup>51</sup> ZACHARIAS, Manif. *Minha Criciúma de ontem*. Criciúma, SC: Do autor, 1999. p. 32.



cirurgião dentista, onde durante anos fez parte do quadro clínico de profissionais do Hospital São José. Sendo também um dos idealizadores da construção do Hospital Santa Catarina. Casou-se com Mérope Gorini Martignago e tiveram três filhos: Gabriela, Paulo e Helena.

E Jacób Victor Cruz, era natural da cidade de Porto Belo-SC. Nasceu no dia 25 de maio de 1918, filho de Vitor Cruz e Ana Cecília Campos Cruz. Foi casado com Irma Mayer Cruz, com quem teve quatro filhos, Valquíria, Clóvis, Selma e Tania; e de uma segunda união com Mônica Neis, teve dois filhos, Júlio e Paulo. Jacób trabalhou em diferentes atividades na região.

Funcionário autárquico do antigo IAPETC, depois incorporado ao INAMPS, aposentou-se por tempo de serviço, no ano de 1985. Dedicou-se também ao comércio hoteleiro e às atividades industriais, estas no setor da mineração carbonífera.<sup>52</sup>

Vale aqui destacar que todos os três nomes citados acima estavam entre os presos políticos acusados de comunistas no pré-golpe de 1964, na região carbonífera, como relata o empresário Sebastião Netto Campos:

[...] Aqueles tidos como cabeças do movimento pró-Jango, Brizola e nomeados como comunistas, estavam detidos: Jacób Victor Cruz, Nego Néris, Dr. Manif Zacharias, Henrique Dauro Martignago, Vânio Faraco, Eloy Felipe, Jorge Feliciano, Antonio Parente, Raimundo Verdieri, Manoel Ribeiro e outros.<sup>53</sup>

Sebastião Netto Campos foi quem comprou o noticiário dos comunistas, administrando a terceira fase do jornal. Este nasceu no dia 1º de agosto de 1925, na cidade de Catalão-Goiás. Foi criado em uma família tradicional e sob forte influência política, seu pai Lourival Álvares Campos era deputado estadual em Goiás no ano de seu nascimento.

No ano de 1945 mudou-se para a cidade de Curitiba, a fim de prestar o vestibular e formar-se no curso de engenharia química. No período em que permaneceu em Curitiba, filiou-se pela primeira vez a um partido político, o PSB - Partido Socialista Brasileiro.

<sup>52</sup> ZACHARIAS, op. cit., p. 479

<sup>53</sup> CAMPOS, Sebastião Netto. *Uma biografia com um pouco da história do carvão catarinense*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 101

Formou-se no ano de 1949, no curso superior de Químico Industrial. Nesse período, Sebastião volta a Catalão, mas logo em seguida, em 1950, viaja para Rio de Janeiro, onde é nomeado pelo atual presidente Eurico Dutra, como Tecnologista Químico no ministério da agricultura, em praia vermelha, na Urca, além disso, muda de partido político, filiando-se à UDN - União Democrática Nacional.

Poucos meses depois é transferido para Criciúma, para ocupar uma vaga de químico no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), chegando pela primeira vez ao município em maio de 1950. Após o cargo no DNPM, Sebastião trabalhou em algumas carboníferas da região, como no ano de 1957 em que foi contemplado para o cargo de gerente da CBCA, mais adiante se tornando proprietário da mesma, e, além de cargos no sindicato dos mineradores, foi um grande empresário da região.<sup>54</sup>

### 3.1 O CONSERVADORISMO DA TRIBUNA CRICIUMENSE (1955-1961): O TÍMIDO DISCURSO ANTICOMUNISTA

Durante essa primeira administração do jornal, o discurso contra o comunismo começa a aparecer, ainda que em passos lentos. O contexto de Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética começa a gerar ideias e posicionamentos anticomunistas e em apoio aos EUA. Os países que aderiram ao comunismo nesse período tinham seus governos e governantes citados e criticados pelo noticiário da cidade.

No entanto, o discurso começa a ganhar força e ser propagado em finais dos anos 50 e começo dos 60, praticamente nos últimos anos do mandato de Juscelino Kubitschek (JK), que teve início em 1956.

Paralelamente, JK buscou expandir a barganha para a área socialista e terceiro-mundista, mas de forma extremamente acanhada. A economia brasileira internacionalizava-se acentuadamente e os conflitos sociais exacerbavam-se, enquanto as repercussões da Revolução Cubana criavam problemas adicionais. Não podendo agir além do que lhe permitiam suas bases de sustentação política, a diplomacia de JK permaneceu no meio do caminho, empurrando para seus sucessores decisões que não podia ou não estava disposto a tomar.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> VIZENTINI, op. cit., p. 207.

Como presidente e vice-presidente, Juscelino Kubitschek e João Goulart eram uma aposta “perigosa” para o país, pois mantinham uma aproximação com os trabalhadores em geral, sendo considerados pela UDN, igreja católica e os setores militares, como simpatizantes do partido comunista.

Em uma das reportagens de 1958, intitulada “A todos vocês”, fica nítido o posicionamento do jornal, podendo este ser assemelhado ao posicionamento patronal da cidade. Faz-se um apelo dramático a toda população, citando desde operário até governantes políticos, apontando como seria se o Brasil se tornasse um país socialista.

Vocês não somente perderão os seus bens materiais, como também aquilo que nós brasileiros tanto prezamos, que é a nossa liberdade. Vocês, homens da produção, das profissões liberais, gente do povo, enfim, quantas vezes se irritam quando não tratados de maneira displicentes por certos funcionários, que se consideram pequenos deuses, a povoar a importância que não têm... Vocês podem reclamar. Podem ir à imprensa, aos órgãos de classe, até aos partidos políticos, se o desejarem. E depois? Poderão protestar contra os arrogantes comissários do povo, quando nossa pátria for uma República Socialista? E é o que pretendem alguns desesperados!<sup>56</sup>

O posicionamento dos mineradores que compunham grande parte da classe patronal da cidade ganhava voz no noticiário impresso. O medo da perda de suas propriedades privadas e a suposta posição igualitária numa sociedade, que até então só lhes trazia privilégios, levou a atitudes grotescas, destinadas a assombrar a consciência dos mais desprovidos de conhecimentos e informações.

Com o forte cristianismo católico cultuado na região, onde igreja e política, além de caminharem juntas, viviam em sintonia com o setor dominante. Acusavam como uma das atribuições aos ditos comunistas, na maioria das vezes, a falta de fé.

Luiz Carlos Prestes é também um dos principais alvos do direcionamento dos discursos anticomunistas, intitulado como um líder comunista e como propagador do comunismo pelo Brasil e por diversos outros países, é atribuída a ele, uma fisionomia de quem defende uma doutrina completamente diferente à fé cristã, que visa romper com o conceito de família e de religiosidade. Sendo assim, este passa também a ser um forte argumento usado para pressionar os leitores que pudessem vir a se interessar pela “doutrina comunista”.

---

<sup>56</sup> A todos Vocês. *Jornal Tribuna Criciúmensis*, 11 de maio de 1958. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

Está bem na hora, repetimos, de todos nós agirmos como cristãos que dizemos ser, pensando não com interesse pessoal, porém com os olhos voltados para o bem da coletividade e o futuro da nossa Pátria! Se não fizermos isso, se não agirmos consoantes os ensinamentos cristãos que aprendemos dos nossos pais, os aventureiros tomarão conta do poder. E todos nós sofreremos. [...] Não esqueçam que, quando estiverem votando, dentro da cabine, o cabo eleitoral não os verá! Mas as suas consciências de homens livres sim! E DEUS também!<sup>57</sup>

Carla Rodeghero faz uma interpretação do anticomunismo católico no Brasil. Segundo ela, a partir de 1960 o posicionamento anticomunista foi se fortalecendo cada dia mais, principalmente sob os reflexos da Revolução Cubana e também com a candidatura de João Goulart. Com o apoio da igreja católica, a disseminação do discurso se proliferava em longa escala e aparece de diversas maneiras.

O anticomunismo católico no Brasil se organizava a partir da infraestrutura já existente da igreja e se beneficiava das boas relações da hierarquia com governos e grupos dominantes. Poderia ser veiculado em pronunciamentos de autoridades católicas como os Arcebispos do Rio, Don Jaime Câmara; São Paulo, Don Carlos Vasconcelos Mota; de Porto Alegre, Don Vicente Scherer; realizados em entrevistas para jornais, alocações radiofônicas, solenidades de inauguração, missas especiais. Também poderia recheiar as páginas dos jornais católicos e os programas das rádios, ser difundido nas escolas, nos grupos da ação católica, nos seminários onde se formavam os novos padres. Poderia se circular na forma de livros, revistas, cartazes, panfletos e santinhos impressos nas gráficas e editoras católicas.<sup>58</sup>

O discurso da igreja era usado para intimidar o leitor sobre o comunismo. A grande maioria das reportagens, especialmente nesse período, vem acompanhada desses argumentos voltados à fé cristã. Morais religiosas e familiares destacadas como alvo da revolução comunista e atribuídas a Prestes.

Uma das reportagens se refere especificamente ao líder comunista: *Prestes, o novo anjo*. Logo no título é nítida a visão que mantinham de Prestes como uma ameaça aos “bons costumes” católicos. Ao longo do texto, o escritor se refere de forma explícita contra o comunismo e também contra o PCB, como algo que causa desordens e desestruturação na sociedade, além de criticar as movimentações trabalhistas em prol de melhores condições de trabalhos e aumentos salariais defendidos através de greves e de mobilizações.

---

<sup>57</sup> Ibidem.

<sup>58</sup> RODEGHERO. op. cit., p. 25.

Se por um lado procura desenvolver a economia do país, conforme declara, para enganar os desprevenidos, em sua permanente e inflamada propaganda, do outro, desorganiza tudo através de greves inúteis agitações, sabotagens e continuados aumentos de salários etc, reclama o custo de vida, que desespera o assalariado, mas ao mesmo tempo elogia e apóia a política financeira e econômica do governo, que acumula café e emite desesperadamente, sem olhar as consequências.<sup>59</sup>

Além das críticas ao partido e ao ideário comunista, acusações como “Chefe Vermelho”, “Novo Anjo”, entre outras são atribuídas à pessoa de Luiz Carlos Prestes, destinam também toda a culpa a ele, caso a provável revolução viesse a acontecer.

Será, então, o momento do novo anjo desafivelar a máscara, quando começar o desemprego em massa, desorganização econômica, as necessidades coletivas insatisfeitas, os descontentamentos, os flagelados atingindo o sul, a oposição violenta ao governo... Então, sim, é a ora do lobo despir-se da pele de carneiro e aparecer tal qual foi, é e será, pregando a insurreição contra a democracia e a implantação da ditadura do proletariado, essa mesma ditadura com que tem ensanguentado outras nações, pela brutalidade de seus métodos, que decorrem da doutrina que defende, vazia de espírito, de dignidade e de respeito à pessoa humana!<sup>60</sup>

Prossegue o discurso neste viés e finaliza a reportagem dizendo:

O novo anjo\_ Prestes\_ quer se fazer passar como um simples cidadão, igual aos outros, mas esquece que ele chefia, entre nós, a horda Russa, que pretende reproduzir 1935, que nos quer impor a ditadura que impera na Hungria, na China, Polônia e Tchecoslováquia, e, sobretudo, que tem as mãos vermelhas pelo sangue de Elza Copelo; derramado monstruosamente num crime comum, de que foi o mandatário.<sup>61</sup>

Pode se inferir que esses ataques a Prestes e ao PCB tenham relação com as preocupações que as classes dominantes tinham com a organização do PCB na cidade ou com os trabalhadores no sindicato dos mineiros. Nesse período, o PCB enviava responsáveis para diferentes regiões em prol da defesa dos ideários do partido. Um exemplo é a figura de Francisco José Pereira o “Chico Comunista” como era conhecido. Chico era advogado e desde muito cedo se identificava com o comunismo, integrou-se ao PCB aos 22 anos de idade e logo após foi enviado para trabalhar em Criciúma em defesa das causas trabalhistas dos mineiros.

---

<sup>59</sup> PRESTES, o novo anjo. *Jornal Tribuna Criciumense*, 19 de maio de 1958. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

<sup>60</sup> Ibidem

<sup>61</sup> Ibidem

Em Criciúma, suas atividades giravam em torno do movimento grevista dos mineiros. Na greve de vinte e nove dias, realizada no mês de janeiro de 1960, muitos mineiros foram demitidos e Francisco trabalhou nos processos de demissão sem justa causa, quando o direito de greve era ignorado. Na ocasião da greve, o jovem advogado Francisco Pereira, com apenas 26 anos de idade, foi incumbido de liderar uma comissão de mineiros para negociar a situação dos trabalhadores no carvão de Criciúma.<sup>62</sup>

Para mais dessas características negativas, com as quais se referiam aos comunistas, nessa primeira fase do *Tribuna Criciumense*, a Rússia era um dos mais citados e referenciados como “exemplo ruim” de governo comunista.

A Rússia foi um dos primeiros países a se identificar com as ideologias do comunismo, já em 1917, com a chamada “revolução de outubro”, que veio à tona por insatisfação com o governo da época.

Dessa maneira, o país é citado em diversas reportagens, onde explicitam o “entreguismo comunista”, como um meio de induzirem outros países capitalistas a se converterem ao regime. Um exemplo aparece no texto chamado de *O último Reduto Totalitário*

A humanidade não tolera nem aceita régulos e o melhor conselho que se pode dar aos comunistas russos é que se contentem com as suas experiências dentro das suas próprias fronteiras, façam suas festas, os seus desfiles engalanem as suas ruas, mas acabem com as contínuas provocações aos povos de outras terras que desejam viver em paz. Não se iludam, os regimes de força têm vida precária e restrita. Não cansem nem abusem da paciência dos povos livres.<sup>63</sup>

O texto inicia com um comparativo entre o regime nazista e o comunista. O autor vai descrevendo dramaticamente como se desenvolveu o nazismo, onde destaca o “louco do Hitler”, fazendo referência ao líder alemão. Diz que estavam seguros de já terem pagado um preço bem grande por conta do “louco alemão”, e assim, dignos de liberdade, não estarão prontos para mais um “banho de sangue”. Manifesta opinião ao prosseguir que a “Rússia desejava tomar o lugar da Inglaterra”.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> FABRICIO, Edison *Lucas. A produção do espectro comunista: Imprensa, política e catolicismo (Blumenau 1960-1964)*. Florianópolis, 2011. p. 48.

<sup>63</sup> O ÚLTIMO Reduto Totalitário. *Jornal Tribuna Criciumense*, 08 de agosto de 1960. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

<sup>64</sup> Ibidem

### 3.2 CRÍTICA A POLÍTICA CONSERVADORA: A FASE ESQUERDISTA DO JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE (MARÇO/1961 – OUTUBRO/1961)

Como já exposto anteriormente, nessa fase, o jornal passou para propriedade e direção de militantes comunistas, mas a duração não chegou a um ano. Nesse momento o posicionamento do noticiário se inverte para dar apoio aos comunistas, aos países comunistas e principalmente ao governo João Goulart.

Em 1961, Jânio Quadros, pela UDN, junto a João Goulart, pelo PTB, como vice, assumem a presidência da República. Os representantes lançam uma política externa independente para o Brasil, onde deixam de priorizar comércio apenas com os estadunidenses e expandem o contato com outras nações, inclusive com a União Soviética e outros países socialistas. “Desde o início de seu breve governo, Quadros manteve um discurso crítico em relação aos EUA”.<sup>65</sup> Nas páginas do jornal logo aparecem o apoio à política externa de Quadros e Jango, intitulada *A situação econômica é simples*. Os comunistas escrevem o texto se referindo à grandiosidade de possibilidades e recursos que isso possibilitaria ao país.

A situação do Brasil é simples, quando a examinamos do ponto de vista financeiro, deixamos de lado as ideologias e os partidos. Existem no mundo dois blocos de comércio, liderados pelos Estados Unidos e pela União Soviética. O Brasil só tem a perder se comercializar apenas com um desses grupos, seja ele qual for; é preciso conservar uma posição de equilíbrio para tirar o máximo de ambos, reivindicando ora de um, ora de outro.<sup>66</sup>

A atitude do presidente causou grande repercussão e críticas ao seu governo por parte dos conservadores nacionais e locais da UDN, principalmente após receber o cubano Che Guevara no Brasil e enviar o vice Goulart, que era considerado comunista, para uma viagem comercial à “China Comunista”.

Quadros aproveitou a conjuntura para propor uma renúncia, que acreditava não ser aceita, com o objetivo de ampliar seus poderes. No entanto, a defesa civil e militar, que desde 1954 tentara conquistar o poder, aceitou a renúncia e manifestou-se contrária ao retorno e posse do vice-presidente.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> VIZENTINI op. cit., p. 208

<sup>66</sup> A SITUAÇÃO econômica é simples. *Jornal Tribuna Criciumense*, 04 de setembro de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

<sup>67</sup> VIZENTINI op. cit., p. 209

Jânio Quadros renunciou no dia 25 de agosto de 1961, pouco mais de cinco meses depois de assumir a presidência da República.

[...] Entre 25 de agosto e 7 de setembro de 1961, o Brasil foi governado, de fato, por uma junta militar formada pelos ministros de Jânio: Odílio Denys, Sílvio Heck e Grum Moss. Apoiados pelos setores mais reacionários da UDN, fizeram de tudo para impedir a posse do vice-presidente.<sup>68</sup>

Segundo Marcos Napolitano<sup>69</sup>, entre esse meio tempo o Brasil começa a assistir a dois tipos de mobilização, a política e a militar. Insatisfeitos com os últimos acontecimentos, Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul e petebista como Jango, resiste contra o golpe civil e pela legalidade da constituição, usando o III exército em oposição às forças armadas de São Paulo. No mínimo, até o fim do mês de agosto de 1961, a tensão era de que o golpe se transformasse em uma guerra civil no país.

Na semana da pátria, o jornal dedica solidariedade ao presidente: *Unidade Nacional pela legalidade com João Goulart:*

A luta pela aplicação do artigo 79 da Constituição Federal vem mobilizando a opinião nacional, formando um movimento de reação contra os golpistas que tentam impedir a posse do Presidente João Goulart. O movimento pela legalidade constitucional, em todo o país, não tem precedentes na história do nosso glorioso e querido Brasil. Jamais a opinião pública nacional reagiu com tanto patriotismo e com tanta serenidade. A unidade nacional contra o golpe é assombrosa. Todos os partidos políticos, todas as correntes de opinião, todas as classes e todos os brasileiros de norte a sul e de leste a oeste estão imbuídos de um único pensamento - LEGALIDADE CONSTITUCIONAL COM A POSSE DE JOÃO GOULART.<sup>70</sup>

Pedindo paz para o Brasil, o jornal chama a atenção da população criciumentense para as movimentações que vinham surgindo no governo nacional e se reproduzindo nas regiões do país. Esse discurso ganha força no noticiário nesse período em que impede a posse do presidente da República. Em apoio ao representante petebista, outra mensagem traz como forma de conscientização aos leitores, os planos dos militares para o possível golpe e ditadura militar. Com o título: *JANGO no poder: um imperativo da consciência Democrática Nacional*, manifesta-se a favor dos direitos de Jango no governo brasileiro.

<sup>68</sup>NAPOLITANO, Marcos. 1964: *História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 33.

<sup>69</sup> Ibidem

<sup>70</sup> UNIDADE nacional pela legalidade com João Goulart. *Jornal Tribuna Criciumentense*, Semana da Pátria de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.



A inesperada renúncia do Sr. Jânio Quadros ao governo da nação, a 25 de agosto, ensejou aos elementos golpistas a oportunidade há muito por eles aguardadas de tentarem um golpe de força, que lhes daria poderes discricionários para a instalação de uma ditadura político militar em nosso país, com a conseqüente sufocação das liberdades públicas.<sup>71</sup>

Prosseguindo, o texto relata sobre o apoio do governador de Guanabara, Carlos Lacerda<sup>72</sup>, que declarou apoio aos militares e em nome das forças armadas, alegando ser contra João Goulart, por motivos maiores de segurança da nação. Este posicionamento é questionado na reportagem, onde utilizam o artigo 79 da Carta Magna, que diz que o sucessor legítimo do presidente da República, caso haja substituição de cargo, é o Vice-Presidente eleito democraticamente pela população.

Segue pedindo a atenção e o apoio do povo para a sequência de acontecimentos no país, para não permitirem que a soberania, que as forças armadas passem por cima de todo e qualquer direito e liberdade do cidadão brasileiro.

De qualquer maneira, porém, é necessário que todos os brasileiros indistintamente, de todos os recantos do país, de todos os partidos políticos, de todas as seitas religiosas, de todas as camadas sociais, estejam atentos e vigilantes, acompanhando de perto os acontecimentos e tomando parte ativa nos movimentos populares, de caráter ordeiro, que visem fazer aos nossos mandatários que deles esperamos o máximo respeito à soberania do povo, característica essencial do regime democrático em que vivemos e que alcançamos a peso de ingentes sacrifícios e mesmo sangrentas lutas. E a soberania do povo, expressa no texto da Constituição em vigor, manda que o Sr. João Goulart seja empossado o mais cedo possível, no cargo de Presidente da República.<sup>73</sup>

Após as palavras de apoio ao presidente e de alerta à população, o noticiário traz críticas àqueles que desejam o golpe militar já em 1961. Acreditados que tudo estava se normalizando, apontam para as incoerências que justificavam a possível intervenção militar, para a “ignorância” da população, por se deixarem levar pelos discurso dos malfeitores da vida pública.

---

<sup>71</sup> JANGO no poder: um imperativo da consciência Democrática Nacional. *Jornal Tribuna Criciumense*, Semana da Pátria de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

<sup>72</sup> Carlos Frederico Werneck de Lacerda iniciou sua carreira profissional trabalhando como escritor no jornal Diário de Notícias, em 1929. Simpatizando com os comunistas participou da Aliança Nacional Libertadora (ANL), em 1935. Ao se dedicar ao jornalismo, rompeu com os comunistas em 1939. Em 1947 foi eleito vereador pela UDN no Distrito Federal, onde, após deixar de trabalhar no Diário de Notícias, fundou, em 1949, a Tribuna da Imprensa que vinha representar as ideias políticas da UDN.

<sup>73</sup> *Ibidem*

Os títulos em caixa alta e bem destacados têm o propósito de chamar a atenção e criticar a oposição que tem o péssimo hábito de “taxar” uns e outros como comunistas, como é observado pelo escritor.

Uma delas, intitulada *Lições da batalha que não houve*, destaca o posicionamento da população mais desfavorecida num país que tanto se preocupa com paz e democracia. Logo de início, demonstra a insatisfação com o famoso “jeitinho brasileiro”, mais uma vez utilizado para a criação do parlamentarismo e que constantemente acompanha a política brasileira. A criação do novo sistema não serviria para propor uma política com mais eficácia e sim para tirar o poder do presidente João Goulart.

O sangue generoso dos brasileiros não ensopou o solo sagrado da Pátria nascida sob o signo do Cruzeiro. Foi resguardada nossa tradicionalidade cristã e ocidental. Não ocorreu luta fratricida. Deu-se um jeitinho, adiou-se a briga, nasceu o parlamentarismo e o Dr. Pilla adquiriu, quando menos esperava, o direito de descansar em paz. Tudo muito bonitinho, muito certinho, mais uma vez o mundo curvou-se diante da insuperável habilidade brasileira. Acontece que habilidade e paz não encham barriga. <sup>74</sup>

Logo no início do mandato, Jango é praticamente impedido de governar pelos ministros parlamentaristas que administraram o executivo do país de setembro de 1961 a janeiro de 1963, no entanto “[...] o parlamentarismo não convencia ninguém da sua possibilidade de sucesso” <sup>75</sup>.

Já no fim dessa direção do noticiário, outra reportagem aponta para aqueles que se dizem grandes patriotas brasileiros, os que defendem o “futuro da nação” e que enxergam uma única classe nesse lugar que chamam de Nação. Uma classe privilegiada, que luta por não aceitar que aqueles mais desfavorecidos dividam os mesmos espaços que os seus, que estes desfrutem dos mesmos direitos e dos mesmos prazeres.

Demonstrando-se descontente, o texto manifesta-se contra esta série de acontecimentos dos últimos tempos. *GIGANTE ADORMECIDO*:

A crise pelo qual passou o Brasil, talvez faça ruir todos esses planos, tão cuidadosamente preparados. A renúncia de um presidente que não podia governar, pois lhe faltava autoridade para tal, a oposição do Priunvirato

---

<sup>74</sup> LIÇÕES da batalha que não houve. *Jornal Tribuna Criciúmensis*, 18 de setembro de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

<sup>75</sup> NAPOLITANO. Op. cit., p. 35

Militar contra a posse do vice-presidente, taxado como indesejável, a pressão contra o Congresso Nacional, a reforma a jato da constituição, tudo isso deixa boquiaberto, estupefato, o estrangeiro que começava a sentir nossa maturidade política, agora desmoronada. Fomos alvo, agora das manchetes internacionais. Porém, como simples país, onde tudo pode acontecer, onde a aparência de uma tranquila situação pode degenerar repentinamente numa quase guerra civil. O país sofrerá ou não com a mudança do governo. O mais provável é a descontinuidade governamental. A solução da continuidade é muito vaga e praticamente não será levada a efeito. Teremos, então, uma mudança geral no panorama político brasileiro. A principal vítima será a economia nacional. E quem vai sofrer as consequências é o povo, este mísero povo brasileiro que nada tem a ver com nada, que se vê destituído de seu único direito de escolher diretamente o seu governante que doravante será feito por aqueles que dominam, que imperam, que reinam neste país, deitado eternamente em berço esplêndido e, que para a desgraça de todos nós brasileiros, quando começa a despertar, é novamente posto a nocaute, por um golpe desferido à traição.

76

Faz uma crítica ao golpe parlamentarista, à maneira como as forças se articularam rapidamente para mudar a constituição e impedir a posse de Goulart. Quando o Brasil demonstrava-se de forma “democrática” perante a política, a decisão do povo volta a ser ignorada, elegem presidente e vice-presidente quando repentinamente o país deixa o presidencialismo e torna-se parlamentarista.

### 3.3 TRIBUNA CRICIUMENSE E O DISCURSO ANTICOMUNISTA A TODO VAPOR (OUTUBRO/1961)

Nessa fase, o jornal foi comprado pelo empresário Sebastião Neto Campos e volta a ser novamente um instrumento de defesa dos interesses dos empresários da cidade, em especial dos mineradores. Nesse contexto, as tensões em âmbito internacional e nacional favoreceram a ampliação do discurso anticomunista na cidade.

O fortalecimento de um discurso voltado para a classe patronal da cidade volta a aparecer como posicionamento do noticiário. As notícias são apresentadas aos leitores em forma de manchetes, que abordam e apontam para acontecimentos referentes ao regime comunista como algo desestabilizador dos bons costumes da família brasileira, além de destacar que o regime vem a ser uma ameaça aos governos, principalmente quando se trata de João Goulart na presidência da

---

<sup>76</sup> GIGANTE adormecido. *Jornal Tribuna Criciumense*, 18 de setembro de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

República, sendo que o mesmo continua sendo visto como um simpatizante dos comunistas.

Dessa maneira, o *Tribuna Criciumense* foi utilizado durante todo o período pré-golpe como um instrumento de disseminação do ideal burguês, em apoio às forças armadas, como a melhor solução para impor novamente a paz no Brasil. No início dessa fase, o noticiário traz pequenos textos apontando para moral e seguimentos religiosos católicos, que aos poucos vão sendo utilizados e engrandecidos em comparação a uma suposta doutrina comunista.

Um dos textos deixa evidente o quão perigosa seria uma ditadura comunista, pois, para eles, tantas mudanças na conjuntura governamental e social trariam uma desordem significativa para o país. Assim, o discurso volta-se diretamente para a classe trabalhadora, procurando mostrar o que perderiam com o suposto governo comunista.

Nosso operário é exemplo de retidão e sabe que o entendimento deve imperar, para a felicidade de sua própria família. É verdade nua e crua dos fatos, queiram ou não os contumazes intrigantes deste município. Não, meus amigos, chega de tanta injúria. Tentemos elevar, cada vez mais o bom nome de nossa terra. Mas não tentar espazinhar os que podem e vêm fazendo tanta coisa por ela. Onde não há patrão, não há empregado e onde não há harmonia entre classes, não pode haver também o progresso, degenerando para a desavença e muitas vezes para sacrifícios físicos. Norteemo-nos por este princípio e façamos de Criciúma o que ela e seu laborioso povo merecem.<sup>77</sup>

Observa-se na citação um discurso corporativista, em um contexto em que o movimento operário dos trabalhadores da minas de carvão estava em ebulição. Por sua vez, os mineradores, preocupados com a crescente mobilização dos trabalhadores e por uma articulação do empresário Diomício Freitas, que era deputado federal, conseguiram criar o Sindicato dos Mineiros do Rio Maina, em 1962, com o objetivo de dividir a categoria.

Segundo Terezinha Volpato<sup>78</sup>, os anos que compreendem de 1957 a 1964 apontam para um período de grande militância e luta pelos direitos trabalhistas no sindicato dos mineiros. Isso causava preocupação à classe dominante, contribuindo para que acirrasse o discurso anticomunista na imprensa.

---

<sup>77</sup> FALANDO francamente. *Jornal Tribuna Criciumense*, 15 de janeiro de 1962. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

<sup>78</sup> VOLPATO, Terezinha Gascho. *A pirita Humana: Os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984.

Outras reportagens seguem esta mesma linha de raciocínio, com uma linguagem direcionada especificamente para atingir o pensamento do trabalhador, associando a sua família, seu lar e seu trabalho. Justificam-se, apontando para o crescimento econômico que o país vinha experimentando, e que acerca disso o trabalhador deveria refletir sobre tantos benefícios que já havia obtido: melhores condições de vida e de trabalho, antes de reclamar e se deixar levar por ideologias alheias.

Não há mais dúvida alguma, ao menos para os que leem, pensam e meditam um pouquinho que seja, que, no Brasil o nível de vida do povo melhorou no sentido de ter melhores coisas, de adquirir o que deseja com mais facilidade, de gozar com mais frequência dos frutos da civilização, embora esteja defeituosa. Não há dúvida também, de que este mesmo povo adquiriu um muito mais crescido sentido de seu valor, de sua consciência, de seus direitos, embora venha, vezes várias, desprezando suas obrigações. Um povo assim pode melhorar uma nação ou arrastá-la para um extremo qualquer de governo: facista, ditatorial ou comunista.<sup>79</sup>

É nítido o discurso de que “tudo que é ruim pode piorar”, utilizado para amedrontar a classe mais desfavorecida da cidade. O mineiro que vinha acordando para a luta já há algum tempo, ainda que de vida simples e humilde, prezava pelo bem estar da sua família e pelos poucos bens que lhe pertenciam. As reportagens eram, de certo modo, intimidadoras.

Os anos que antecedem a ditadura militar no Brasil sob o governo de João Goulart, são também marcados por fortes posicionamentos de direita; o inconformismo da UDN, juntamente com a igreja e o setor militar, deixa ainda mais acirrado o discurso anticomunista no país.

Em meio a um sistema parlamentarista imposto no país, João Goulart atende praticamente como uma figura “decorativa” no governo, onde existia um presidente da República, mas quem tomava as decisões era o primeiro ministro. Jango, assim como grande parte da população, não acreditava no sucesso do parlamentarismo, enquanto lutava por um plebiscito pela volta do presidencialismo, a direita persistia contra ele.

No segundo semestre de 1962, a batalha pelo Brasil em meio à Guerra Fria se acirrou. As esquerdas reafirmaram seu projeto político a partir do tema das reformas, que para alguns era o começo da “Revolução Brasileira”. As

---

<sup>79</sup> LEIA, pense e medite. *Jornal Tribuna Criciumense*, 13 de abril de 1963. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

direitas, ainda assustadas com o fracasso do golpe contra a posse de Jango, procuravam novas táticas e novos sócios para sua conspiração. As eleições para os governos estaduais e para o legislativo daquele ano serviram de laboratório para novos ataques ao presidente reformista.<sup>80</sup>

João Goulart consegue antecipar a eleição para que o povo escolhesse entre o parlamentarismo e o presidencialismo. O plebiscito aconteceu no dia 6 de janeiro de 1963. A esquerda trabalhista sentia-se vitoriosa enquanto a tensão continuava nos setores de direita como demonstram as páginas do jornal *Tribuna Criciumense* nessa fase. A discussão sobre o plebiscito solicitado por Jango aparece em uma das reportagens, que de forma sucinta, alega uma futura crise em consequência do ato.

Noticia-se que o presidente João Goulart teve longa entrevista com o governador de Minas Gerais, Sr. Magalhães Pinto, no sentido de novas e enérgicas providências para compelir a Câmara dos Deputados a votar nova data para a realização do plebiscito sobre o parlamentarismo. Para isto, haverá revisão nos quadros de auxiliares militares e civis da Presidência, medidas em conjunto que poderão gerar outra crise como a havida há pouco tempo com a indicação do novo premiê.<sup>81</sup>

Realizado o plebiscito, Jango assume com plenos poderes e inicia as chamadas reformas de base. As reformas propostas pelo presidente geravam um inconformismo absoluto entre a direita nacional. Napolitano destaca que a grande maioria das propostas de Jango não teve sucesso e que para além de tantas acusações, desconfiavam de um suposto “golpe de Estado apoiados nos setores subalternos das Forças Armadas”.<sup>82</sup>

Aos poucos, a crise do governo João Goulart foi se fortalecendo a cada decisão e atitude tomada no congresso. O presidente tentou se aproximar da população como forma de ganhar força e apoio com o legislativo. No entanto, se aproximava cada vez mais do Golpe militar a cada acontecimento mal sucedido.

As derrotas nas batalhas parlamentares de 1963 pelas reformas pactuadas no Congresso e pela retomada das rédeas da economia nacional parecem ter deixado o governo Jango um tanto desnorreado. Pressionado à esquerda e à direita, o presidente viu suas margens de manobras diminuírem. Em setembro, antes mesmo de o último projeto de reforma

---

<sup>80</sup> NAPOLITANO. Op. cit., p. 37

<sup>81</sup> NOVA crise política em perspectiva. *Jornal Tribuna Criciumense*, 28 de julho de 1962. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

<sup>82</sup> NAPOLITANO. op. cit., p. 41

agrária ser derrotado no Congresso, começava a crise político-militar que desgastaria o governo e o próprio regime ao longo dos meses seguintes.<sup>83</sup>

Dado o Golpe de Estado em 31 de março de 1964, inicia-se a fase de glória da direita udenista e dos outros setores que lhes davam apoio. As manchetes estavam espalhadas nas páginas do jornal, era o discurso da classe dominante se sobressaindo outra vez.

O título já dizia por si: *Superada a crise - Vitória do movimento rebelde*. Uma página tomada por recortes glorificando a derrota de João Goulart e a posse dos militares no governo do Brasil. Descaradamente, o discurso vitorioso do governador Carlos Lacerda é aplaudido e proliferado pelo noticiário: “Não te aproximes. Não te queremos matar, mas estamos prontos para repelir os que aqui te mandaram. E se tu atirares, morrerás também. Não queremos matar, mas não estamos dispostos a morrer na hora da vitória”.<sup>84</sup>

A reportagem declara que João Goulart “renunciou” e que não se sabe por onde andava no momento, além disso, as notícias dividem-se entre Rio de Janeiro e São Paulo, e destacam: *Povo carioca festeja vitória*, além de *grande desfile em São Paulo*, aclamando a vitória comemorada. As detenções de última hora em Criciúma também fazem parte da manchete.

O Dr. Helvidio Veloso, delegado Regional de Criciúma, recebeu e está cumprindo ordem de Florianópolis para deter e interrogar diversas pessoas de nossa cidade. A polícia Criciumense deu também uma batida no Sindicato dos Mineiros onde foram apreendidos alguns cassetetes.

Com o golpe em 1964, foi decretada uma greve geral entre os mineiros da região como forma de protesto, se declarando contra o golpe. “O sindicato dos trabalhadores na indústria da Extração de Carvão de Criciúma ‘estava na mira’ do novo governo que se instalou no país. No dia 10 de abril de 1964 ocorreu a prisão dos principais líderes e dirigentes sindicais de Criciúma”.<sup>85</sup>

Dessa maneira, o noticiário prestigia a posse do primeiro presidente militar como o início de uma fase de progresso para o país. *Castelo Branco presidente – Brasil Busca Melhores Dias*, foi como anunciaram as “boas vindas”.

---

<sup>83</sup> Ibidem, p. 44

<sup>84</sup> SUPERADA a crise - Vitória do movimento rebelde. *Jornal Tribuna Criciumense*, 3 a 11 de abril de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

<sup>85</sup> VOLPATO, op. cit., p. 120

Exatamente às 15:20 horas de quarta feira, dia 15 o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco assumiu a Presidência. Em todos os recantos do país a posse foi saudada pelo repicar dos sinos e com esperanças o povo brasileiro aplaudiu Marechal Castelo Branco.<sup>86</sup>

As promessas de um governo baseado nas leis e nas tradições são assimiladas no jornal como um governo que garantirá o futuro e o progresso da nação. Além disso, destacam sobre uma política internacional com países “livres”.

Em comparação ao governo João Goulart, outra reportagem traz um recorte apostando em melhoras com o novo presidente Castelo Branco:

Uma vassourada na demagogia, na agitação, na improbidade, na corrupção e um reformismo lúcido, honesto, consciencioso que, sem anunciar imediatas melhorias impossíveis, realmente conduza a nação, pelo roteiro do desenvolvimento e do progresso, eis que espera o Brasil deste que agora assume a suprema magistratura da República contando com a confiança da imensa maioria de seus concidadãos.<sup>87</sup>

Pouco tempo depois, o governo do presidente Castelo Branco rompeu relações internacionais com Cuba, persistindo a “luta” contra os comunistas, como demonstra *Tribuna Criciumense*:

O governo do presidente Humberto Castelo Branco rompeu dia 13 as relações diplomáticas com Cuba. A decisão tomada pelo governo brasileiro está em perfeita consonância com os propósitos de não admitir ação comunista no território nacional, propósito este posto em destaque pelo presidente quando em seu discurso de posse afirmou que o Brasil respeitaria a independência dos países de todo o mundo nos seus negócios internos, mas exigiria igual respeito aos seus negócios que admitem qualquer interferência.<sup>88</sup>

A notícia é recebida com satisfação por acreditarem que o novo presidente estava cumprindo com suas promessas, promessas essas que eram constantemente apoiadas pela direita brasileira. O texto é também usado para criticar o governo de Fidel Castro e enaltecer os norte-americanos.

---

<sup>86</sup> CASTELO Branco presidente – Brasil Busca Melhores Dias. *Jornal Tribuna Criciumense*, 18 a 25 de abril de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

<sup>87</sup> INICIA-SE uma nova era para o país. *Jornal Tribuna Criciumense*, 25 a 2 de maio de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

<sup>88</sup> BRASIL rompeu relações com Cuba. *Jornal Tribuna Criciumense*, 16 a 23 de maio de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.



Essa busca por declarações e posicionamentos que lhes favorecessem não se mantinha apenas em âmbito local e nacional, mas principalmente em âmbito internacional.

É o caso de uma reportagem que traz a experiência de uma professora cubana que, já vivendo há dois anos no Brasil, e em visita à Criciúma, se declara contra Fidel Castro. Em entrevista, Nélide Garmendia responde sobre diferentes pontos relacionados à vida como cidadã em um país comunista. Ao longo do texto, os aspectos cubanos como educação, fome e reformas são o tempo todo associados e comparados ao Brasil.

Educação em Cuba - Distorção de mentalidades. Professora lecionou durante 16 anos em Cuba e renunciou a esta atividade quando se tornou obrigatório o ensino, às crianças do marxismo-leninismo. Conforme palavras de Nélide Garmendia, antes de Fidel, Cuba tinha um dos menores índices de analfabetismo da América Latina - 15,5% apesar da campanha comunista dizer que havia 40%, pois o objetivo destes era entregar cartilhas marxistas para serem ministradas aos alunos.<sup>89</sup>

Assim como discussões a cerca da educação, faz-se referência à ditadura militar que vinha ocorrendo no país. Onde o Brasil, diferente de Cuba, estava salvo e livre dos comunistas pelos militares. “O Brasil, graças à revolução de abril, livrou-se deste espectro. Devemos ficar alerta porque o comunismo não se conforma com o fracasso”<sup>90</sup>.

Mesmo destacando sobre os números de presos políticos que se encontravam no estado naquele momento, a perseguição aos comunistas continuava. E como fala da professora entrevistada, declaram situação de alerta e atenção a toda comunidade, ao considerar-se que os mesmos não iriam se conformar e que mesmo que houvesse uma luta sem sangue, se fosse para perder a liberdade, era preferível morrer.

Assim, na terceira fase do jornal na mão do empresário Sebastião Netto Campos, o discurso anticomunista foi acirrado. Os ataques ao governo João Goulart, acusando-o de comunista e a defesa dos militares golpistas permearam as páginas do *Tribuna Criciumense*.

---

<sup>89</sup> EM CRICIÚMA uma cubana depõe contra Fidel Castro. *Jornal Tribuna Criciumense*, 12 a 19 de setembro de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

<sup>90</sup> *Ibidem*

## 4 CONCLUSÃO

O medo e a repressão ao comunismo foi algo muito forte e presente entre diferentes regiões do Brasil e do mundo, principalmente durante o contexto de Guerra Fria.

Este trabalho dedicou-se a estudar alguns aspectos deste contexto internacional que foram se perpetuando pelo mundo. Considerando a pesquisa, objetivou-se perceber, por meio do Jornal *Tribuna Criciumense*, como ocorreu a construção do discurso anticomunista produzido pelo Jornal, em especial quando esteve no comando de grupos vinculados às classes dominantes da cidade.

Foi possível identificar que este medo ao comunismo também se dissipou na cidade de Criciúma, as classes dominantes da cidade, preocupadas com o possível avanço comunista, utilizavam-se de várias estratégias para combatê-los. A imprensa, em especial o jornal *Tribuna Criciumense*, o único noticiário impresso da região, foi um dos canais usados pelos setores dominantes da cidade para influenciar costumes, posicionamentos e atitudes, divulgar sua ideologia e, entre elas, o combate ao comunismo.

Criciúma foi sinônimo de muitas lutas sindicais entre mineiros e mineradores da região. Com o crescimento político e industrial, principalmente carbonífero da cidade, as disputas pelo poder se intensificaram cada vez mais. Aos poucos, a classe dominante foi se apoderando do poder político local, baseados em ideologias partidárias, intensificavam um discurso patronal e anticomunista.

Dessa maneira, na primeira parte deste trabalho, a discussão voltou-se a identificar e entender o contexto em âmbito local, nacional e internacional. Qual a relação existente entre os setores políticos de direita e o que contribuiu essencialmente para a disseminação do discurso anticomunista no Brasil, principalmente na cidade de Criciúma. Seguindo o recorte temporal de 1955, com a fundação do jornal *Tribuna Criciumense* na região carbonífera, até 1965, onde o país vivencia os primeiros contatos com a ditadura militar.

Em seguida, o trabalho apresenta reflexões acerca de três fases distintas do noticiário que foram identificadas, dando visibilidade à sustentação dos objetivos iniciais. O discurso do jornal entre as fases fundamentou-se entre anticomunismo, comunismo e anticomunismo.

A primeira e a última fase do *Tribuna Criciunense* foram utilizadas como instrumento de manutenção do poder político local. Baseado nas perspectivas políticas de direita da UDN, partido criado na região no pós 45, considerando que tinha como administradores, em ambas as fases, representantes da classe dominante e do poder minerador do município.

No entanto, entre as duas fases fortalecidas pelo discurso anticomunista, encontra-se uma pequena fase onde o jornal foi administrado por simpatizantes comunistas e acaba trazendo um novo discurso para as páginas do impresso local. Mesmo em pouco tempo de administração, houve palavras de apoio ao governo de João Goulart, que era considerado um comunista, assim como mensagens favoráveis a países que aderiram o comunismo como regime governamental.

Nesse sentido, o objetivo de apontar para a construção do discurso anticomunista no jornal *Tribuna Criciunense* pelos setores dominantes em Criciúma foi atingido, assim como foi possível compreender o quanto este discurso contribuiu para que João Goulart fosse deposto do cargo de presidente da República e uma ditadura militar fosse imposta no Brasil em 1964.

Existiram também muitas outras possibilidades de pesquisa relacionadas ao comunismo e o anticomunismo para trabalhos posteriores. Um deles é o discurso da igreja católica, que contribui essencialmente para o fortalecimento e a propagação do anticomunismo, a associação do cidadão brasileiro como um fiel cristão é constantemente visível nas páginas do jornal. Outro fator, também muito presente nesse período, referente ao anticomunismo, é o posicionamento de grandes intelectuais brasileiros que se declararam como simpatizantes comunistas e que tiveram ligação direta ou indireta com o PTB. Como é o caso de Jorge Amado, Caio Prado Júnior e Cândido Portinari. Além de muitos outros vieses que abrangem esta temática, que não couberam neste trabalho, mas que dão totais subsídios a interesses de novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Portugal: Imprensa Nacional, v.5, 1995.
- BAER, Werner. *A industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1977.
- BEZERRILL, Simone da Silva. *Imprensa e política: Jornais como fontes e objetos de pesquisa para estudos sobre abolição da escravidão*. Maranhão: UEMA, 2011.
- CAMPOS, Sebastião Netto. *Uma biografia com um pouco da história do carvão catarinense*. Florianópolis: Insular, 2001.
- CAROLA, Carlos Renato. *Assistência médica, saúde pública e o processo modernizador da região carbonífera de Santa Catarina (1930-1964)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Partidos Políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- FABRICIO, Edison Lucas. *A produção do espectro comunista: Imprensa, política e catolicismo (Blumenau 1960-1964)*. Florianópolis, 2011.
- HOBSBAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (dir.). *História: novas abordagens*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- RÉMOND, Réne. *Uma história presente*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e Avaliações: Norte-Americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. Porto Alegre, 2002.
- SANTANA, Marco Aurélio. *Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro: Bomtempo, 2001.
- TEIXEIRA, José Paulo. *Os donos da cidade*. Florianópolis: Insular, 1996.
- TRICHÊS, Janete. *As oligarquias dos partidos: Criciúma/SC - 1945-1992*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

TRICHÊS, Janete; ZANELATTO, João Henrique. *História Política de Criciúma no século XX*. Criciúma, SC: UNESC, 2015.

VIANA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge (org). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

VIEIRA, Jaci Guilherme. *História do PCB em Santa Catarina - da sua gênese até a operação barriga verde - 1922 a 1975*. Florianópolis, 1994.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Do nacional-desenvolvimento à Política Externa Independente (1945-1964)*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 2003.

VOLPATO, Terezinha Gascho. *A pirita Humana: Os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984.

ZACHARIAS, Manif. *Minha Criciúma de ontem*. Criciúma, SC: Do autor, 1999.

ZACHARIAS, Manif. *Criciúma: vultos do passado e personalidades contemporâneas*. Criciúma, SC, 2000.

ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma, SC: UNESC, 2012.

## **FONTES CONSULTADAS**

A SITUAÇÃO econômica é simples. *Jornal Tribuna Criciumense*, 04 de setembro de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

A TODOS Vocês. *Jornal Tribuna Criciumense*, 11 de maio de 1958. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

BRASIL rompeu relações com Cuba. *Jornal Tribuna Criciumense*, 16 a 23 de maio de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

CASTELO Branco presidente – Brasil Busca Melhores Dias. *Jornal Tribuna Criciumense*, 18 a 25 de abril de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

EM CRICIÚMA uma cubana depõe contra Fidel Castro. *Jornal Tribuna Criciumense*, 12 a 19 de setembro de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

FALANDO francamente. *Jornal Tribuna Criciumense*, 15 de janeiro de 1962. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

GIGANTE adormecido. *Jornal Tribuna Criciumense*, 18 de setembro de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

INICIA-SE uma nova era para o país. *Jornal Tribuna Criciumense*, 25 a 2 de maio de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

JANGO no poder: um imperativo da consciência Democrática Nacional. *Jornal Tribuna Criciumense*, Semana da Pátria de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

LEIA, pense e medite. *Jornal Tribuna Criciumense*, 13 de abril de 1963. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

LIÇÕES da batalha que não houve. *Jornal Tribuna Criciumense*, 18 de setembro de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

NOVA crise política em perspectiva. *Jornal Tribuna Criciumense*, 28 de julho de 1962. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

O ÚLTIMO Reduto Totalitário. *Jornal Tribuna Criciumense*, 08 de agosto de 1960. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

PRESTES, o novo anjo. *Jornal Tribuna Criciumense*, 19 de maio de 1958. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

SUPERADA a crise - Vitória do movimento rebelde. *Jornal Tribuna Criciumense*, 3 a 11 de abril de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

UNIDADE nacional pela legalidade com João Goulart. *Jornal Tribuna Criciumense*, Semana da Pátria de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.